

Boletim Adventista

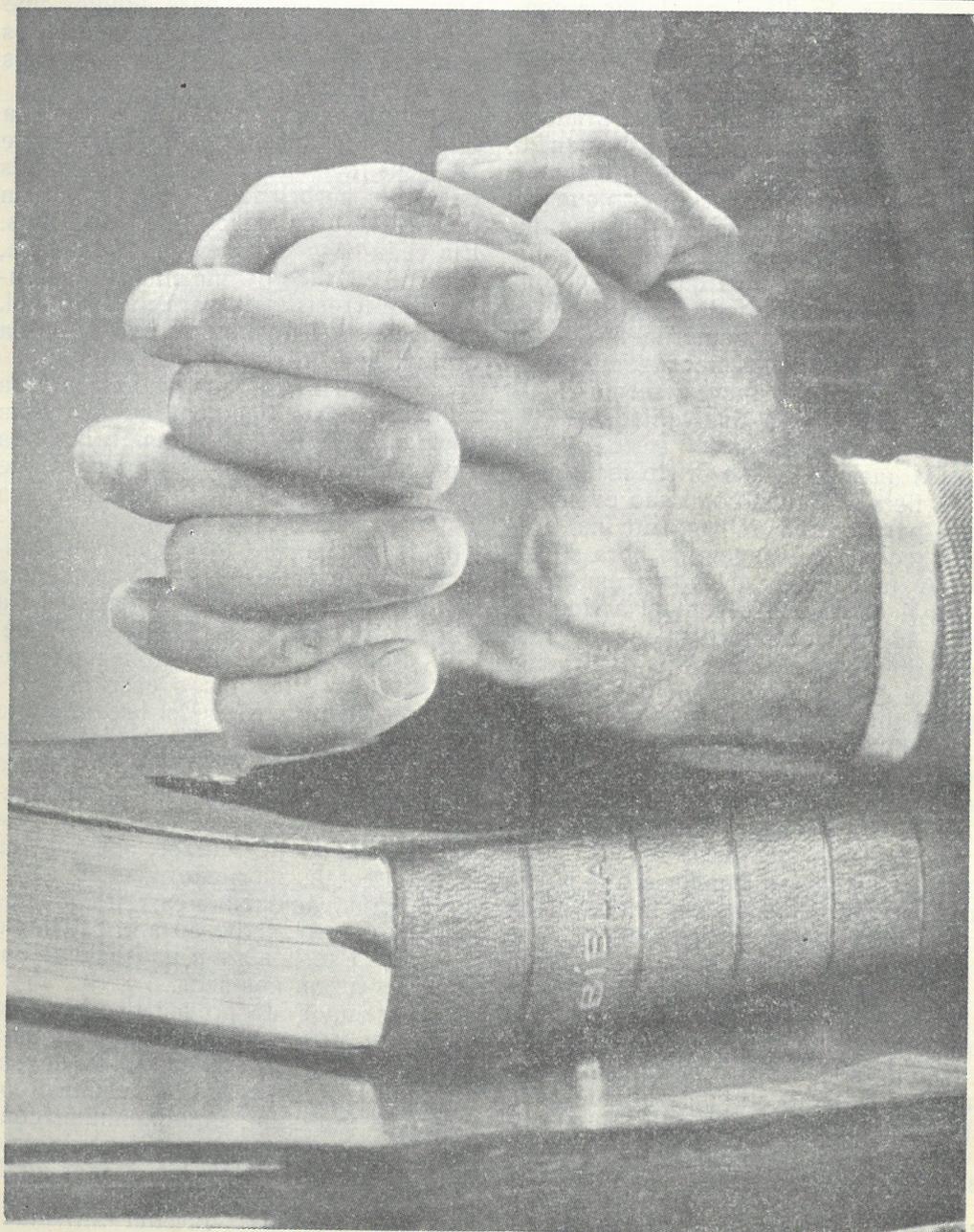
Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano IV — Número 47

Novembro de 1966



Semana de Oração

(5 - 12 de Novembro de 1966)

O tema para as leituras da Semana de Oração deste ano é a *lealdade*, com ênfase especial na sua importância como factor estabilizador na experiência do povo adventista ao aguardar a vinda do Senhor. As diferentes leituras consideram vários aspectos da lealdade como sendo uma graça cristã, centralizada na lealdade pessoal do crente, como bom soldado da cruz, a Cristo, o Príncipe da sua salvação. Consequência desta relação pessoal é a lealdade à bem-aventurada esperança de que Jesus virá em breve, como prometeu. Isso relaciona-se com a lealdade à mensagem adventista, pela qual o Céu convida os homens de toda a parte a prepararem-se para o cumprimento dessa gloriosa promessa. A mensagem Adventista constitui um apelo a sermos leais à voz de Deus—à Sua vontade revelada em todas as coisas.

Os que são leais a Cristo serão também fiéis à grande comissão evangélica e participarão activamente na proclamação da mensagem da hora do juízo. A juventude adventista em particular é convidada a ser leal à vida, isto é, às grandes oportunidades e responsabilidades de uma vida dedicada a Cristo. A dedicação completa a Cristo levará uma pessoa a ser leal também em palavras e actos à Igreja por Ele estabelecida, a qual é o Seu instrumento na terra para preparar um povo para se encontrar com Ele em paz.

A lealdade manifesta-se em geral para os amigos, a família e o país de uma pessoa. Consiste em fidelidade no cumprimento das obrigações de uma pessoa para com os outros, e é inspirada pela confiança e dedicação para com eles. A lealdade para com Cristo procede da confiança n'Ele e na dedicação pessoal a Ele. Mas a lealdade genuína é mais do que uma atitude mental e um modo de proceder oriundo de um senso de dever; é motivada pelo amor. Brota do coração. É o dom de si

mesmo aos outros. A lealdade é um tesouro precioso porque leva uma pessoa a viver—e se necessário for, a morrer—pelos outros. Não admira que o mundo reserve sua mais elevada estima, honra e louvor para aqueles cujo espírito de lealdade os inspira a feitos heróicos em que os interesses pessoais são esquecidos.

A fé no coração produz o fruto da fidelidade na acção. O capítulo onze de Hebreus regista os brilhantes exemplos de vários heróis da fé que provaram outrora a sua lealdade para com Deus. Em cada caso a fé levou à fidelidade, sempre em face de incentivos aparentemente irresistíveis para se ser infiel. É sob tais circunstâncias que a estrela da lealdade brilha com mais fulgor.

Olhando com olhos proféticos para os dias que imediatamente precederem a vinda do Filho do Homem, o autor da Epístola aos Hebreus apelou para que o povo de Deus não rejeitasse a sua confiança em Sua promessa. «Necessitais de paciência», explicou ele. Confiança na promessa inspira paciência para aguardar o seu cumprimento, e a paciência resulta em firme lealdade. Só os que têm sido confiantes, pacientes e leais—continua o escritor—receberão a promessa. Em breve, muito em breve, «o que há-de vir virá, e não tardará» (Heb. 10:35-37). É no quadro desta admoestação que, no capítulo seguinte, ele cita a série de fiéis do passado, e depois de o fazer, nos convida a seguir o seu glorioso exemplo, «correndo com paciência a carreira que nos está proposta». É nosso alto privilégio e vocação ser leais em nossos dias como eles foram nos seus.

Os tempos de prova que estão diante do povo de Deus reclamam uma fé que não vacile. Seus filhos devem tornar manifesto que Ele é o único objecto do seu culto, e que nenhuma consideração, nem mesmo o risco da própria vida, pode induzi-los a fazer a mi-

nima concessão a um culto falso. Para o coração leal, as ordenações de homens pecaminosos e finitos tornam-se insignificantes ao lado da Palavra do eterno Deus. A verdade será obedecida, embora o resultado seja prisão, exílio ou morte.

«Como nos dias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, no período final da história da Terra o Senhor operará poderosamente em favor dos que ficarem firmes pelo direito. Aquele que andou com os hebreus valorosos na fornalha ardente estará com os Seus seguidores

em qualquer lugar. Sua constante presença confortará e sustentará. Em meio do tempo de angústia — angústia como nunca houve desde que houve nação — Seus escolhidos ficarão inamovíveis. Satanás com todas as hostes do mal não pode destruir o mais fraco dos santos de Deus. Anjos magníficos em poder os protegerão, e em favor deles Jeová Se revelará como 'Deus dos deuses', capaz de salvar perfeitamente os que n'Ele puseram a sua confiança.» — *Profetas e Reis*, págs. 512, 513.

A Conferência Geral

Sábado, 5 de Novembro de 1966

Lealdade a Deus

por Ellen G. White

«Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo; e se sentis alguma coisa doutra maneira, também Deus vo-lo revelará. Mas naquilo a que já chegámos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo. Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam. Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo». — Fil. 3:13-18.

A advertência que diz respeito aos perigos que o povo de Deus tem de defrontar, nestes tempos, é-nos dada por alguém que sabia muito bem o que dizia.

Os inimigos da cruz de Cristo revestir-se-ão de luz. Já assim faziam nos tempos de S. Paulo. Vendo o apóstolo o poder da influência que tais inimigos

exerciam no caminho do mal, foi com lágrimas que advertiu os crentes no sentido de não lhes darem ouvidos. Eram inimigos de Cristo, «cujo fim é a perdição... e que só pensam nas coisas terrenas.»

Mas a nossa cidade está nos céus — continua o apóstolo Paulo — donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido para ser conforme ao seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas. Portanto, meus amados e mui queridos Irmãos, minha alegria e coroa, estai assim firmes no Senhor.»

«Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria a não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também, porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não pensais.» — Mateus 24:42-44.

Virá Jesus, em breve, nas nuvens do céu, com poder e grande glória? Estará às portas o fim de todas as coi-

sa? Se assim é, os que pretendem seguir a Cristo devem trabalhar na proporção da sua fé. A nossa parte não consiste em aguardar, em ociosa expectativa. Perante os solenes acontecimentos que em breve terão lugar, cada alma que teve o privilégio de ouvir a verdade, tem de trabalhar sincera e fervorosamente. — *Review and Herald*, 12 de Abril de 1898, pág. 229.

O Senhor aborrece a indiferença e a deslealdade, nos tempos de crise, na Sua obra. Todo o Universo está observando com indizível interesse as cenas da grande controvérsia entre o bem e o mal. O povo de Deus está-se aproximando do limiar da eternidade. Nestas circunstâncias, que pode haver de mais importante do que sermos leais ao Deus do céu?

Em todos os séculos, Deus tem tido heróis de notável valor moral; e ainda os tem agora — aqueles que não se envergonham de se reconhecerem como José, Elias e Daniel como seu povo peculiar. As suas bênçãos especiais acompanham os labores de homens e de mulheres de acção; homens que se não desviarão da linha recta do dever, mas que perguntarão com divina energia: «Quem é o Senhor?» (Êxodo 32:36), homens que não se deterão apenas no inquirir, mas que exigirão que os que escolherem identificar-se com o povo de Deus prossigam e demonstrem, sem sombra de dúvida, a sua obediência ao «Rei dos reis e Senhor dos senhores.» (Profetas e Reis), pág. 148.

«Vós sois meus amigos — disse Jesus — se guardardes os meus Mandamentos... Nós não nos encontramos numa terra de sonho e de inactividade. Somos soldados de Cristo, alistados na obra de mostrar a nossa lealdade. Àquele que nos remiu. O que seremos no lar celestial, quando estivermos salvos, eternamente salvos, será o reflexo do que somos agora no carácter e no santo serviço.»

Não demonstraremos nós o nossa lealdade guardando os Mandamentos de Deus, aqui, neste nosso lugar de provação? Não levantaremos nós o estandarte da lealdade ao Deus do céu, independentemente das consequências, des-

prezando as injúrias e o ódio das igrejas que apostataram do serviço do seu Criador? — *R. H.*, 12 de Abril de 1898, págs. 229-230.

Que ninguém condescenda com a tentação e se torne menos fervoroso na sua união com a Lei de Deus, por causa do menosprezo que sobre ela foi lançado; porque esse é, justamente, o objectivo pelo qual temos de orar com todo o nosso coração e entusiasmo: «É tempo, ó Senhor, de operares, porque têm quebrantado a Tua lei.»

Por conseguinte, perante esse desprezo universal, eu não me tornarei um traidor, impedindo que Deus seja mais glorificado e mais honrado com uma deslealdade.

Pois quê!? Deixarão os Adventistas do Sétimo Dia esmorecer a sua dedicação, quando todas as suas capacidades e potencialidade devem ser colocadas do lado do Senhor? Quando um testemunho firme, nobre e elevado devia brotar dos seus lábios?

Quando a Lei de Deus é escarnejada e desdenhada, então é que é tempo para cada verdadeiro seguidor de Cristo, para aqueles que deram o seu coração a Deus e determinaram obedecer a Deus, permanecerem firmes pela fé que uma vez foi dada aos santos. — *Id.*, 8 de Abril de 1897, pág. 354.

Não nos Envergonhemos da Nossa Fé

Nós não estamos de modo algum envergonhados da nossa fé, o Adventismo do 7.º Dia porque é a melhor característica que podemos ter. Aguardamos a segunda Vinda de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Os homens podem zombar e ridicularizar da nossa fé, mas isto não deve chocar-nos nem surpreender-nos. Todas estas demonstrações não fazem da verdade erro e do erro verdade. Nós tomamos a nossa posição firme e inamovivelmente na plataforma do mundo de Deus... As realidades eternas devem ser conservadas nos olhos do entendimento e as atrações do mundo aparecerão tais como são — totalmente inúteis... Somos peregrinos e estrangeiros que aguardamos, esperamos e oramos pela bem-aventurada esperança, o glorioso aparecimen-

to de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Se acreditamos nisto e o praticamos na nossa vida diária, que acção vigorosa inspirará esta fé e esta esperança; que fervoroso amor uns pelos outros; que viver cuidadoso e santo para glória de Deus; e — que distinta linha de demarcação não será evidente entre nós e o mundo! — That J. May Know Him, p. 357.

Contemplando Somos Transformados

O Senhor tem um povo na terra, que segue o Cordeiro para onde quer que Ele vai. Ele tem os seus milhares de fiéis que não dobraram os joelhos diante de Baal. Esses ficarão com Ele no Monte Sião. Mas têm de ficar de pé nesta terra, cingidos com toda a armadura, prontos para se empenharem na obra de salvar aqueles que estão quase a perecer. Anjos do céu dirigem esta busca e requer-se uma diligente actividade espiritual de todos aqueles que crêm na verdade presente, para que possam unir-se aos Anjos no seu trabalho.

Não precisamos de esperar até sermos trasladados para seguir a Cristo. O povo de Deus pode fazer isso aqui na terra. Só seguiremos o Cordeiro de Deus nas hostes celestiais se O seguirmos aqui. Segui-l'O no céu depende da nossa guarda dos Seus mandamentos agora. Não devemos seguir a Cristo caprichosamente ou só quando é para nossa vantagem. Temos de escolher seguir-l'O. Na vida diária temos de seguir o seu exemplo, como o rebanho confiadamente segue o seu pastor. Temos de O seguir sofrendo por amor d'Ele, dizendo a cada passo: «Ainda que me mate confiarei n'Ele». A Sua regra de vida deve ser a nossa regra de vida. E ao buscarmos assim ser como Ele e pôr a nossa vontade em conformidade com a Sua vontade, revelá-l'O-emos.

Estamos nós seguindo a Cristo com lealdade sem desvio, guardando a sua vida de perfeita obediência, de pureza e sacrifício próprio sempre diante de nós, a fim de que pela contemplação, poderemos ser transformados à sua imagem? Esforçamo-nos nós para imitar a

Novembro de 1966

Sua fidelidade? Se nos habituarmos a dizer: Sê Tu o meu Modelo; se pelos olhos da fé nós O virmos como um Salvador vivo, seremos fortalecidos para O seguir. Então, com os puros, segui-l'O-emos na vida futura. Como testemunhas oculares e de coração, nós poderemos testemunhar da Sua magestade, porque pela fé estivemos com Ele no Monte Santo. — RH. 12 de Abril de 1898, p. 230.

Leais ao Nosso Capitão

Os perigos e dificuldades diante de nós aumentam à medida que nos aproximamos do repouso celestial. Satanás está cheio de ódio mortal contra todos os que buscam ganhar a terra que uma vez foi sua. A sua inveja não perdeu nada do seu azedume desde que foi excluído do esplendor e glória do Céu. Depois que, pela sua queda, se tornou inimigo de Cristo, buscando roubar-lhe a Sua honra e glória, o seu ódio tem aumentado e não é menos inimigo agora, nestes nossos tempos ele determinou tornar o mundo cativo. Vê que tem pouco tempo, que alguém mais poderoso do que ele em breve lhe tirará o seu poder, e vai fazer um último e poderoso esforço contra Cristo e a Sua Igreja.

É agora o tempo para os amigos de Jesus serem decididos, fiéis e valorosos pelo capitão da sua salvação... Grandes dificuldades e provas estão perante nós. Requer-se forte coragem e esforços perseverantes para avançar. Mas tudo agora depende da nossa fé no Capitão que nos trouxe a salvo até aqui. Deixaremos a descrença vir agora? Render-nos-emos à desconfiança e ao medo? Transigiremos com o mundo e voltaremos as costas à Casa Celestial? Faremos grandes e extensos planos para esta vida, tal como fizeram os habitantes do mundo antigo, plantando, construindo, casando e dando-se em casamento?

O Fim Está às Portas

A solene mensagem para este tempo tem um certo som a que todos nós devíamos prestar atenção. Os sinais dos

tempos dizem-nos que o fim de todas as coisas está às portas. As profecias cumpridas tornam-se factos da história, exprimindo claramente a nossa posição. Estamos à beira da eternidade. Porque a iniquidade abunda, o amor de muitos está a arrefecer. Em vez disto, o amor a Deus, o amor pela pureza, verdade e santidade devia aumentar nos nossos corações. O aumento da impiedade à nossa volta devia despertar em nós um zelo mais fervoroso e uma mais forte determinação. A fé do verdadeiro povo de Deus, manifestada, tanto como a de Noé, pelas suas obras, devia permanecer como um sinal de advertência ao mundo. Se as nossas obras não correspondem à nossa profissão de fé, apresentamos ao mundo uma falsa luz, e assim induzimo-lo à destruição.

O nosso Salvador advertiu antecipadamente o Seu povo de que a iniquidade abundaria nos últimos dias e teria uma influência paralisante sobre a verdadeira piedade. À nossa volta, por toda a parte, vê-se, ouve-se e sente-se a maldade. Parece que penetra na própria atmosfera e que afecta a fé e o amor do próspero povo de Deus. É difícil demonstrar a integridade cristã. Efectivamente, não são correntes, nestes nossos dias, as perseguições em consequência de se querer viver o verdadeiro cristianismo.

Quando chegar o momento da feroz provação, uma grande proporção daqueles que professam a fé mostrarão que a sua religião era oco formalismo. Em vez de ser fortalecida pela opposição, a sua fé enfraquece e extingue-se.

Os dias em que vivemos são dias de perigo. Negligência, leviandade, inconstância, amor do prazer e satisfações egoístas podem descortinar-se na vida de muitos professos cristãos. Será este o tempo de os Adventistas do 7.º Dia perderem a sua fé e tornarem-se frios e formalistas? Que Deus não o permita! Tornar-nos-íamos traidores no próprio momento em que Deus seria mais glorificado pela nossa firme adesão aos princípios? Afastar-nos-íamos das atracções celestiais agora, que quase podemos ver as glórias da outra mar-

gem? Vivemos no mais importante período da história da Terra. Mantendo a nossa aliança com Deus, podemos dar o mais nobre testemunho por Cristo e pela Verdade.

O verdadeiro cristão apegar-se-á agora às promessas de Deus, mais firmemente do que nunca antes. O seu coração está, onde ele tem o seu tesouro — no céu. Quando os rectos princípios são menosprezados e abandonados, então os verdadeiros e leais mostrarão o seu mais ardente zelo e mais profundo amor; então permanecerão mais firmes pela Verdade, por impopular que este seja. O verdadeiro soldado estará pronto a combater as batalhas do Senhor quando os seus inimigos se mostram mais fortes; é então que a vitória será mais completa e triunfante.

Dar Testemunho por Palavras e Actos

Irmãos e irmãs de uma tão preciosa fé, daremos nós atenção à última mensagem de advertência? Será este um tempo de usar o dinheiro do Senhor para ministrar segundo o nosso orgulho e ambição? — um tempo de acrescentar terra à terra, ou de construir grandes casas para nós próprios e nossos filhos? — um tempo para acumular os nossos tesouros e fixar as nossas afeições aqui? O Senhor vem. Na Sua grande misericórdia livrou-nos das trevas do erro e permitiu que os brilhantes raios da verdade brilhassem nas nossas almas. Devíamos manifestar a nossa gratidão reflectindo a luz do céu nas nossas palavras e acções, nas verdades que advogamos. — Id., 29 de Novembro de 1881, pg. 337 e 338.

O zelo em favor de Deus e Sua causa impulsionou os discípulos a dar testemunho do evangelho com grande poder. Não deveria um zelo tal inflamar nossos corações com a determinação de contar a história do amor redentor de Cristo e Este crucificado? É o privilégio de todo o cristão não somente aguardar, mas apressar a vinda do Salvador.

Se a igreja se revestir do manto da justiça de Cristo, deixando qualquer aliança com o mundo, raiará para ela

o amanhecer de um dia brilhante e glorioso. As promessas de Deus a ela feitas serão sempre firmes. Ele fará dela uma excelência eterna, um gozo de muitas gerações. A verdade, passando de largo aqueles que a desprezam e rejeitam, triunfará. Conquanto que às vezes pareça haver retardado, seu progresso nunca foi impedido. Quando a mensagem de Deus se defronta com a oposição, Ele lhe concede força adicional, para que ela exerça maior influência. Dotada de energia divina, abrirá caminho através das mais fortes barreiras e triunfará sobre todos os obstáculos...

Na Bíblia estão reveladas visões da glória futura, cenas pintadas pela mão de Deus, e que são uma preciosidade

para Sua igreja. Pela fé podemos chegar até ao limiar da cidade eterna e ouvir as afáveis boas-vindas dadas aos que, nesta vida, cooperaram com Cristo, considerando uma honra sofrer por Sua causa. Ao serem pronunciadas as palavras: «Vinde, benditos de Meu Pai», eles lançam suas coroas aos pés do Redentor, exclamando: «Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força e honra, e glória, e acções de graças... E ao que está assentado sobre o trono do Cordeiro, sejam dadas acções de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.» S. Mat. 25:34, Apoc. 5: 12 e 13. — *Actos dos Apóstolos*, pg. 600-602.

Domingo, 6 de Novembro de 1966

Lealdade e Bem-aventurada Esperança

por H. M. S. Richards

Há alguns anos, um pai teve de sair de casa para fazer uma longa viagem. Momentos antes de partir pegou no seu filhinho de três anos ao colo e falou-lhe sobre a sua viagem. O rapaz perguntou: «Papá, quando é que o papá volta?» O pai sabia que não podia explicar a um rapazinho tão pequeno que ele voltaria em Setembro. O menino não o compreenderia. Não sabia nada acerca dos meses, das datas ou dos tempos e das estações, e assim o pai disse: «Ouve, filho, quando vires as folhas das árvores ficarem vermelhas e castanhas e amarelas, e começarem a cair no chão, então podes ter a certeza de que o papá está muito próximo a vir.»

No dia seguinte o pai partiu. Durante os meses de Julho e Agosto o rapazinho saía a passear com sua mãe no bosque e olhando para as árvores, falava do seu pai ausente. Devagarinho os dias e as semanas iam passando até que vieram os primeiros dias de Setembro, e depois se chegou a meio do mês.

Então, apesar de o rapazinho não o notar muito, as folhas começaram lentamente a mudar de cor. Uma noite houve um grande vento e milhões de folhas caíram enchendo os passeios e as valetas, cobrindo todo o bosque. Na manhã do dia seguinte, quando ele saiu e viu todas essas folhas em montões ele começou a dar-lhes pontapés e a atirá-las ao ar. Em breve começou a gritar e a sua mãe ouviu-o dizer: «Viva!... Viva!... O papá está a chegar!»

Hoje — há expectativa em todo o mundo. Os bosques estão a mudar de cor e as folhas a cair. Estes sinais dos tempos estão aparecendo. Jesus disse: «Quando estas coisas começarem a acontecer» — que fazer? Ser negligente? Descuidado? Não prestar atenção? Ser triste e melancólico? Não, de modo algum.

«Olhai para cima e lavantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.» (Lucas 21:28).

O grande futuro de cada filho de

Deus pode estar amanhecendo porque a vinda do Senhor aproxima-se. Há muitas profecias do Velho Testamento que apontam para a segunda vinda de Jesus e os grandes acontecimentos que devem ocorrer relacionados com o estabelecimento do Seu reino de glória. Há a grande profecia do segundo capítulo de Daniel, com os quatro reinos sucessivos — Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.

Houve a divisão do grande império de Roma nas modernas nações da Europa e a perturbada história desta na devida altura até à hora presente. Segundo Daniel 2:44: «Nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído.

Quando leio o segundo capítulo de Daniel penso nas palavras do hino que tantos de nós sabem de cor:

*«Primeiro, o reino da Assíria governou o
(mundo*

*Depois os estandartes da Medo-Pérsia fo-
(ram desfraldados*

*E depois da Grécia ter mantido o poder,
Roma ter segurado o ceptro — onde estamos
(nós hoje?*

*Nos pés de ferro e barro
Fracos e divididos, em breve a passar
Qual será o próximo grande e glorioso
(drama?*

Cristo e a Sua vinda e a eternidade».

A segunda vinda de Jesus está iminente; o estabelecimento do Seu reino é o próximo grande acontecimento na história da raça humana. Não disse Jesus que «quando o Filho do homem vier em Sua glória e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da Sua glória.» (Mat. 25:31)?

Lembramo-nos também das palavras de Jesus acerca do Seu regresso. Ele disse que voltaria: «Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas: se não fosse assim eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também». (S. João 14:1-6).

O nosso Salvador é uma testemunha fiel. Ele fará exactamente como prometeu. Voltará a este mundo. Ele virá outra vez.

Abrindo o livro de Apocalipse que é particularmente o livro de Cristo — é chamado «revelação de Jesus Cristo» — encontramos no 6.º capítulo a última parte da grande profecia dos sete selos. Nos versículos 12 e 13 lemos acerca do sexto selo:

«E, havendo aberto o selo olhei, e eis que houve um grande tremor de terra: e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue.

È as estrelas do céu cairão sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.»

Três acontecimentos na História

Notai três grande acontecimentos na História. Ao aproximarmos no fim da profecia dos sete selos, encontramos três históricos acontecimentos que podem ser datas assinaladoras. Assim este selo tem data e podemos saber quando é que ele começa; primeiramente o grande tremor de terra, depois o escurecimento do Sol e a Lua como sangue, e a seguir a queda das estrelas. Os primeiros cinco selos levam-nos aos dias da grande Reforma protestante. Houve a seguir «um grande terramoto,» um terramoto que fosse notado como um dos maiores da história? Sim, de facto; o terramoto de Lisboa de 1 Novembro de 1755. Este acontecimento exerceu profunda influência no mundo. Escreveram-se livros a este respeito. Não só a terra foi sacudida, mas os pontos de vista filosóficos e religiosos do povo foram poderosamente sacudidos e abanados por este tremor de terra. Voltaire, o grande céptico, escreveu um livro acerca dele.

Não muito depois deste terramoto o sol tornou-se escuro. Um dia muito escuro ocorreu em 19 de Maio de 1780, e nessa noite a lua cheia parecia sangue. Veio então a queda das estrelas, em 13 de Novembro de 1833. Imaginai que estes acontecimentos tinham tido lugar por ordem inversa ou tinham si-

do trocados de outra maneira. O infiel ou céptico poderia rir-se da Palavra de Deus. Mas não; estes acontecimentos tiveram lugar na ordem exacta pela qual a Bíblia os predisse.

A História prova que Deus falou verdade. Vivemos depois destes três acontecimentos terem tido lugar: por outras palavras, depois do Versículo 13 de Apocalipse 6.

Observai agora os versículos 14-17: «E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas, nas rochas das montanhas; e diziam aos montes e aos rochedos: Cai sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?»

Vivemos agora entre os Versículos 13 e 14 do 6.º capítulo do Apocalipse. O grande terramoto, o escurecimento do sol, a queda das estrelas — esses acontecimentos já tiveram lugar; mas o enrolar do céu como um livro ainda não aconteceu, nem a grande reunião de oração em que os cépticos e infiéis e todos os que não são salvos hão-de clamar não a Deus mas às montanhas e aos rochedos.

Frequentemente Mencionados nas Escrituras

Devíamos amar a verdade do aparecimento de Nosso Senhor pelo grande lugar que ela ocupa nas Escrituras e porque Deus a ama. Se a frequência de menção é alguma medida da sua importância, esta deve ser uma das Verdades supremas das Escrituras. O baptismo é mencionado somente cerca de 20 vezes em sete epístolas. Não é mencionado uma única vez nas outras catorze. A ceia do Senhor é mencionada menos de meia dúzia de vezes no Novo Testamento e em 20 das 21 epístolas nem sequer se lhe faz alusão. A segunda vinda de Cristo fala-se mais de trezentas vezes no Novo Testamento. Segundo alguns leitores é um versículo

em cada 25 ou 30. Deus deve pensar muito nesta Verdade da segunda vinda de Cristo ou então não falaria tanto dela na Sua Palavra.

Por que não seríamos leais a uma tal mensagem, a uma tão grande Verdade? Como é possível que uma pessoa creia na Bíblia como a Palavra de Deus e não seja ao mesmo tempo leal a esta grande e maravilhosa Verdade da vinda de Nosso Senhor? Sim, à *iminente* vinda de Nosso Senhor? A palavra 'iminente' significa *sobranceiro*, algo que está pendente, algo que vai ter lugar. Não sabemos a hora, como Jesus disse, mas *podemos* ver os sinais e saber que na Sua Providência Ele põe tudo isto perante os nossos olhos a fim de nos podermos preparar para tão grande acontecimento. A nossa fé na Vinda do Senhor será provada; e uma razão porque algumas pessoas perderam a sua fé nesta certeza é porque têm estado estabelecendo datas que depois querem ver cumpridas. Alguns dizem que Deus retarda a Sua vinda ou que talvez nunca venha. Aqui está o perigo. A Escritura diz: «Porque necessitais de paciência para que... possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará.» (Heb. 10:36, 37). A palavra aqui traduzida por *paciente* é traduzida noutros lugares por «sofrimento» ou «fé».

Em Tiago 5:7 é-nos dito «Sêde pacientes... até à vinda do Senhor.» Precisamos de ter confiança, precisamos de suportar porque segundo as profecias da Escritura, esta gloriosa mensagem da segunda vinda de Jesus será prègada em todo o mundo. Lemos isto em Apocalipse 14, a começar com o verso 6.º, até ao versículo 14.

Tempo de Renovar a Nossa Fé

Este, meus companheiros crentes, é o tempo de renovar a nossa fé nesta grande, reconfortante e maravilhosa Verdade da vinda de Nosso Senhor. Encontramos a nossa Salvação do pecado e a nossa esperança de vida eterna na primeira vinda de Nosso Senhor e na Sua Morte expiatória por nós na cruz. Encontramos a nossa satisfação através da habitação interior do Espí-

rito Santo, ministrando-nos esta justiça de Jesus aqui e agora. Encontraremos a nossa final e instantânea glorificação na segunda vinda de Jesus nas nuvens do céu.

Amigos, se perdermos a esperança, perdemos tudo. E esta é uma esperança *bem-aventurada*, porque é uma esperança que vem de Deus e espera em Deus o seu cumprimento. Nós esperamos Jesus e a sua glória e aparecimento, o qual constitui a nossa *bem-aventurada* esperança. Porquê? Porque traz a este mundo o próprio Abençoador, o mesmo Jesus, nosso Senhor, e porque trará, portanto, todas as bênçãos prometidas ao povo de Deus desde o princípio dos tempos.

Certamente, amigos, as coisas não continuarão sempre assim como agora. Operar-se-á uma grande mudança para melhor porque o próprio Modificador, o Senhor da Criação e redenção, prometeu voltar. Não admira que esta promessa traga uma esperança aos nossos corações que é chamada a «*bem-aventurada* esperança.» Isto é verdadeiramente aquilo pelo que ansiamos. É o que nos sustém na saúde e na enfermidade, na pobreza e na prosperidade, na tranquilidade e na angústia.

Meu pai era um pregador desta *bem-aventurada* esperança e vêm-me à lembrança os dias da minha infância. Parece-me ainda ouvir as suas fervorosas palavras repetindo Mateus 24:36-42 terminando com esta frase: «Vigiai, pois não sabeis a hora a que Nosso Senhor virá». Ali, no extremo da plataforma, na grande tenda, sentava-se minha mãe ao órgão. Parece-me estar ali agora, observando-a. Posso ainda ouvir a sua meiga voz começando a cantar no fim de cada sermão do meu pai:

*O dia eu não sei do regresso do Esposo
Porém os sinais, vêm encher-nos de gozo!
Pois certo virá esse evento faustoso,
Mas o dia eu não sei.*

Sinto-me tão contente que meu irmão e eu tenhamos crescido com recordações da nossa primeira infância cheia de promessas desta *bem-aventurada* esperança. Tivemos sempre algo por que viver, algo que esperar. Agora, meu pai está dormindo em Jesus, mas sabemos que quando o Salvador vier ele despertará na sua Semelhança cujo evangelho ele finalmente chegou.

É maravilhoso viver com uma grande esperança no coração. Dostoievski tinha razão quando disse «O segredo de ser um homem não é apenas viver, mas ter algo para que viver». Estou contente porque meu avô e meu pai pregavam esta mensagem de esperança em Cristo — esperança para este mundo, esperança para o mundo vindouro. Estou contente porque meus filhos a estão a pregar.

A maravilhosa mensagem do nosso Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir está alcançando os mais remotos confins da terra, e o Evangelho neste momento está preparando um povo para se encontrar com o Salvador, quando Ele vier. Ao avançar, ele tem que fazer o mundo melhor. Tem que cuidar dos doentes e aflitos. Tem de ser uma mensagem de cura, de auxílio, de santidade de redenção. «Pela esperança d'Israel» (Actos 28:20) o Apóstolo estava acorrentado com uma cadeia. É pela esperança do povo de Deus que nos devemos sacrificar e trabalhar e orar até que o dia baixe e as sombras se desvançam e o Rei esteja, finalmente, outra vez, aqui.

Visado pela Censura

Lealdade à Mensagem do Advento

por E. E. Cleveland

O Cristianismo é a soma total da vida e ensinamentos de Cristo Nosso Senhor. É isto que constitui os ensinamentos da Igreja Adventista do 7.º Dia. A revelação e o carácter de Cristo ao mundo é a nossa missão. Aquilo que Ele ensinou e viveu é a nossa mensagem. Ser leal a Cristo é aceitar a *Mensagem*.

A Igreja Adventista do 7.º Dia possui a mensagem apostólica na sua forma mais pura. Nela se encontram os ensinamentos dos discípulos de Jesus e a sabedoria dos profetas. Que esta pérola de grande preço seja confiada aos homens é em si mesmo uma honra. Total entrega a ela é um requisito do céu.

No passado, homens arriscaram as suas vidas para entregar as mensagens dadas por Deus. Moisés enfrentou Faraó e todo o poder do Egipto para falar de Jeová. «Deixai ir o meu povo!» Clamou ele repetidamente. Jonas avançou na ímpia Nínive com a palavra de Deus nos seus lábios. «Quarenta dias e Nínive será destruída.» Noé tornou-se o alvo favorito das zombarias dos antediluvianos por declarar a mensagem que Deus lhe dera. Elias desencadeou as iras de Jezabel ao lançar o repto a Israel para escolher a quem desejava servir. Daniel pode enfrentar Nabucodonosor com uma mensagem refutando o sonho do rei de um domínio perpétuo porque ele tinha a certeza da voz de Deus.

O requisito da fidelidade é, pois, a fé. Fé de que a mensagem é de Deus. Fé de que as Suas palavras são a Sua vontade. Fé de que o Autor da mensagem será o protector do mensageiro. Este é o segredo da lealdade a confiança. Sim, a confiança de que a mensagem que levamos é de Deus.

Que é «a Mensagem?»

1. Nós somos salvos do pecado só pela graça de Deus.

2. A fé viva manifesta-se na obediência à Lei de Deus e no serviço cristão.
3. O Sábado do 7.º dia é um sinal de lealdade a Jesus. As Escrituras apoiam plenamente o 7.º dia como o Sábado do Senhor.
4. O pecado está sendo tratado com plena e finalmente no Lugar Santíssimo do Santuário celeste.
5. Os mortos, agora inconscientes no seu sono, serão despertados numa ou noutra das duas ressurreições.
6. O princípio da negação de si próprio inclui o dízimo, a reforma do vestuário. Acreditamos com o Apóstolo Paulo que os cristãos não se devem conformar com este mundo.
7. cremos na segunda Vinda de Jesus, e que ela será literal e visível. E além disso cremos que Cristo virá brevemente. Não sabemos o dia nem a hora, mas conhecemos «o tempo e as estações». A falta de conhecimento específico não adiará esse acontecimento. Cultivemos, pois, como indivíduos um sentimento de expectativa através da oração e do estudo da Bíblia.
8. cremos no triunfo final do bem. Um dia muito breve virá em que «os reinos deste mundo» se tornarão «o reino de Nosso Senhor e Seu Cristo». Acreditamos na purificação da terra pelo fogo, e numa terra feita nova pela recreação.
9. cremos na conquista global pelo Evangelho, o qual deve ser pregado em todo o mundo a toda a criatura.
10. cremos em tudo o que os profetas escreveram, e que o dom profético se manifestou em Ellen G. White para o benefício espiritual do Corpo de Cristo.

Esta mensagem complexa fez-nos o que somos e enquanto lhe formos fiéis seremos sempe um «sacerdócio real» e um «povo adquirido».

Por que desanimam alguns

Tem sido meu dever através dos anos, lidar com alguns que deixaram a fé. A mais importante razão entre aquelas para a apostasia é o desapontamento com algum companheiro crente, um pobre exemplo posto por alguém em quem uma vez tiveram confiança. Isto pode englobar maus tratos de uma fonte que se não esperava. Enquanto reconhecemos que todos os cristãos deviam representar devidamente a fé, seria pura loucura negar, na Igreja, a existência do «joio». Era assim nos doze originais. Haverá pecadores em Sião até à «ceifa». O cristão deve sempre distinguir entre a mensagem e o mau mensageiro. A mensagem é em si verdadeira, e a nossa lealdade vai para Cristo e para ela. É isto a chave do nosso companheirismo e amor uns para com os outros. O homem não pode amar a quem nunca viu se odiar ao mesmo tempo o seu irmão que vê todos os dias.

Outros desanimam por causa de frequentes transgressões pessoais. Talvez que haja um mau hábito que se arraste e a luta para o vencer tenha sido vã. Para não ser atormentado por uma consciência culpada, o desanimado busca a solução na apostasia. Sente que nunca poderá libertar-se desse hábito — por esta razão procura escapar à sua consciência. Não pode, porém, fazer isso sem destruir uma porção de si mesmo. Apostasia só aumenta o seu sofrimento. «Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz». (Isa. 57:21).

A solução para o problema da transgressão é o *arrependimento*: «Arrependei-vos, pois e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor». (Actos 3:19).

Que é o arrependimento? E como é que uma pessoa se arrepende? Por definição, o arrependimento «é uma mudança de atitude». «Arrependei-vos porque o reino dos céus está às portas». Significa literalmente «deixar de resistir às tentativas do céu para modificar a vossa vida e deixar Deus mudar as

vossas atitudes». Talvez que este seja o verdadeiro significado da oração do salmista «Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito recto». (Sal. 51:10). Nós não sentimos *naturalmente* pena do pecado. Essa tristeza piedosa tem de ser criada em nós. É neste sentido que o santo renovado é uma «nova criatura». Admitindo que o arrependimento é um acto de Deus no homem, permanece ainda a questão da parte do homem no plano redentor. Que devemos fazer para ser salvos? «Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?». (Rom. 2:4). Sim, há algo que podemos fazer. Podemos todos meditar diariamente na bondade «de Deus».

*«Quando ondas de aflição varrem a vossa
(alma
E a luz do sol se esconde da vossa vista*

*Quando se é tentado a duvidar ou se
(lamenta
Pensai na Sua bondade para convosco.*

A Sua bondade alcança o seu auge, na cruz do Calvário, onde «Ele foi ferido pelas nossas transgressões (Isa. 53:5). Procurais vós fervorosamente buscar libertar-vos de um obstruidor pecado? pesarás mais a vossa paixão por liberdade espiritual do que o vosso amor ao pecado? Numa palavra, desejais realmente romper com um hábito? Então passai algum tempo cada dia meditando o significado da Cruz. Concentrai-vos até a luz do céu vencer as dificuldades, porque, estai certos, vencê-las-á. Quando aprendemos completamente o significado da nossa indignidade ao menor dos favores celestiais e vemos, contudo, que somos os beneficiários do dom escolhido de Deus — isto é o suficiente para quebrar o nosso coração e voltamo-nos para Deus.

*«Então minha alma canta a Ti Senhor
(ao Salvador
Quão grande és Tu, quão grande és Tu!»*

Há outros que deixam a fé como resultado de confusão doutrinal. Isto ocorre geralmente quando um membro se contenta com estar apenas «na verdade» e falha em estudar suficientemente para a verdade estar «nele».

Estudai a Palavra de Deus

Não há nenhuma salvaguarda contra a apostasia doutrinal a não ser o estudo pessoal da Palavra de Deus. Não há substituto algum para isto. O diabo sabe-o. Desenvolve todos os esforços possíveis para ocupar o nosso tempo a fim de que negligenciemos este estudo. «Não tenho tempo algum para estudar» é uma desculpa frequentemente ouvida. Há que arranjar tempo para o fazer. Encontramos sempre tempo para fazer o que quer que nos agrade. Determinai no vosso coração, meus irmãos, que passareis algum tempo, cada dia, no estudo pessoal da Bíblia. Numa palavra, «Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade». (2 Tim. 2:15).

Alguns do nosso povo gastam considerável tempo lendo literatura crítica da fé e ouvindo emissões radiofônicas da mesma natureza. Não firmaram a sua fé pela oração e estudo da Palavra de Deus e os crentes não estão preparados para os assaltos que se lhes possam fazer sobre isso.

Sabemos que os inimigos da fé abundam por toda a parte e nem todos estão fora da igreja. «Porque eu sei isto, que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho.

E que dentre de vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si.» (Act. 20:29, 30). Aumentaram nos últimos anos os ataques à igreja e aos seus dirigentes de dentro e de fora. Males, reais e imaginários, têm sido explorados para minar a confiança. Alguns membros alimentam-se destes discursos e escritos desses críticos, para seu detrimento, mal sabendo que pela sua aceitação eles próprios abraçam a pregação de lobos cobertos de peles de ovelhas. «Não há nada neste mundo mais querido a Deus do que a Sua Igreja. Nada é guardado por Ele com tão cioso cuidado. Nada ofende mais a Deus do que um acto que prejudique a influência daqueles que estão fazendo o Seu serviço. («Test. vol., 6 pág. 42.)

«As diferentes partes de professos

crentes adventistas têm todos um pouco de verdade, mas Deus deu *todas estas verdades* aos seus filhos que se estão preparando para o Dia de Deus... Deixará que os escolhidos e amados compreendam isto sem que eles para iluminar sua mente vão ouvir aqueles que estão nas trevas e no erro. (*Early Writings*, pág. 124) Grifo nosso)

A Igreja deve sempre de se defrontar entre os extremos gêmeos do fanatismo e do cepticismo. O estudo pessoal das Escrituras é a única salvaguarda contra ambos. «As nossas mentes não deveriam ser assim desviadas mas deviam estar ocupadas com a verdade presente e buscar sabedoria a fim de que possamos obter um conhecimento cabal da nossa posição a fim de com mansidão podermos ser capazes de dar a razão da nossa esperança nas Escrituras.» *Ibiden* p. 125.

Sede fiéis

Meu pai foi soldado na primeira Guerra Mundial. Ao entrar para o exército, expontâneamente informou de que era Adventista do 7.º Dia e como tal, não poderia trabalhar no Sábado. «O exército não reconhece Sábado algum» foi-lhe dito, «por isso trabalhará no próximo Sábado.

No Sábado seguinte levaram-no até um monte de cascalho, deram-lhe uma pá de ferro e ordenaram-lhe que trabalhasse. Seis soldados com armas carregadas estavam ali prontos para executá-lo imediatamente. «Não posso, Senhor» foi a sua calma resposta. «Por que não pode?» Gritou o sargento. «Porque é Sábado» respondeu meu pai. Tinha sido convocado um Tribunal Marcial, durante o qual meu pai foi submetido ao mais desumano trato para lhe quebrantarem a vontade. Mas com a Bíblia na mão e uma oração nos lábios, ele permaneceu firme.

O comandante mandou retirar os outros homens e ordenou a meu pai que se sentasse; por sua vez, sentou-se directamente na sua frente e olhou fixamente para ele durante o que pareceu uma eternidade. Finalmente falou: «Soldado, abra o seu livro e dê uma razão para a esperança que está em

si!» Na hora seguinte o soldado raso era o professor e o seu comandante o aluno. No fim do estudo o comandante sorriu e disse: «Dou-lhe os parabéns soldado, por saber em que crê. Eu sei tudo sobre os Adventistas do 7.º Dia. São boas pessoas. Minha família está em contacto com a de uma menina adventista. Pode ter os seus Sábados livres. Mas não ensine essa religião aos outros soldados — exigiu —, ou então não teremos um exército.»

Meu pai foi capaz de dar uma razão para a esperança que ele tinha. Podeis vós fazê-lo?

«Sê fiel até à morte...». Se esta tem de ser a nossa própria experiência, devemos cultivar uma contínua relação pessoal com Cristo. Devemos chegar à compreensão de que o pecado é mais do que quebrar regras. O pecado insulta a Deus. O pecado ofende-O. Basta recordar que a justiça é mais do que obedecer às regras, é agradar-lhe.

Através da oração e do estudo da Bíblia podemos cultivar de tal modo o companheirismo que nos defenda contra a apostasia, agora e sempre. «Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo.» Filip. 1:6.

Acautelando-se do julgamento privado

Finalmente alguns perderam-se para a fé por causa do julgamento privado. Ficaram cativos de uma «nova revelação» que pouco depois assume a dignidade de «nova luz». Enquanto os nossos corações deviam ser exercitados no tratamento de novas posições, os nossos corações deviam estar constantemente prontos para responder a cada revelação enviada pelo Céu.

1 Não se deve aceitar nada que se

não harmonize com as posições estabelecidas pela Bíblia e anteriormente tomadas.

- 2 A nova luz deve ser provada quanto a pertinência, relação e significado. Cada pessoa deve perguntar a si mesma: «Contribuirá esta nova posição para consolidar e alargar o reino de Deus? «Devemos ter pouca paciência com «nova luz» meramente por amor de Nova luz.
- 3 Será aquele que traz «nova luz» uma pessoa de mente sã e de experiência cristã?
- 4 Tem o portador de «novas notícias» o respeito da sua própria família? Haverá uma boa, saudável, equilibrada atmosfera cristã no seu próprio lar?

Estas perguntas ajudarão o crente a avaliar quais as novas posições, seja de que fonte forem. «Vi que os pastores devem consultar aqueles em quem têm razão de confiar, ... antes de advogarem os novos pontos de importância, que pensam que a Bíblia apoia. Então os pastores estarão perfeitamente unidos e a união dos pastores impedirá infelizes divisões e então não haverá perigo algum de o precioso rebanho ser dividido e as ovelhas espalhadas sem pastor» Ibid. págs. 61, 62.

A decisão de permanecer firme na fé, venha o que vier, deve ser feita agora. A fé para sobreviver uma emergência tem de ser adquirida antecipadamente ou a intensidade da tempestade poderá inundar a alma. Aqueles que permanecem fiéis sob pressão fazem assim porque continuamente têm praticado e fortalecido a fé através da oração diária e da meditação da Palavra de Deus. Foi assim com o justo Enoch, «E andou Enoch com Deus e não se viu mais; porquanto Deus para si o tomou.» (Gén. 5:24). Possa ser assim também connosco.

Lealdade à Voz de Deus

por Maliacal E. Cherian

Lealdade à voz de Deus é o próprio coração do Adventismo. A voz de Deus quando requer a nossa vontade e lealdade a isto mesmo implica fé e firme adesão aos princípios eternos. Brota de uma fé firme nela e de uma profunda devoção pessoal por Deus. Pode dizer-se com verdade que uma tal atitude caracterizou a história da Igreja Adventista do 7.º Dia desde o seu início. A lealdade à voz de Deus levou Guilherme Miller e seus associados a proclamar a mensagem do Advento em 1844. Fez com que os nossos antepassados espirituais mantivessem a sua confiança e esperança em Deus a despeito do grande desapontamento. A mesma lealdade compeliu os nossos pioneiros a rejeitar muitas das doutrinas tradicionais da cristandade e a aceitar só o que a Bíblia ensina.

Neste contexto considerai a base das nossas doutrinas — salvação em Cristo e só através de Cristo, a imortalidade da lei moral incluindo o Sábado, a natureza do homem e o estado dos mortos, o santuário celeste e seus serviços, Criaçãoismo, o Espírito de profecia, mordomia, volta iminente de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo — só para mencionar alguns. O que mais pode explicar a filosofia da vida que prevalece no nosso meio como um povo? Não é a mesma lealdade a força motora para a vanguarda da nossa igreja na temperança e nos ministérios médicos e da reforma sanitária? Podemos concluir seguramente que esta é o resultado da firme lealdade à Voz de Deus.

Estes factos levam-nos a duas distintas posições. Primeiro, o conhecimento de que sem uma firme e constante lealdade à vontade reveladora de Deus não poderia ter havido nenhuma Igreja Adventista do 7.º Dia. Segundo, a nossa identificação com esta igreja hoje pressupõe um total compromisso de lealdade

à voz de Deus. A nossa posição no movimento Adventista não pode ter aplicação sem esta entrega pessoal e completa. O Senhor diz: «Inclinaí os vossos ouvidos, vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá, porque convosco farei um concerto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências de David.» (Isa. 55:3).

O mundo tem suscitado muitas vozes para chamar a atenção e os corações dos homens. Todavia devemos discernir e estudar a voz de Deus. É a única voz que tem validade em termos da nossa salvação. Deus fala-nos clara e pessoalmente. As nossas vidas testificam a sua veracidade. Muitas vezes erguemos os nossos corações e chamámos pelo Senhor. Na nossa hora de desespero e desânimo, de pecado e tristeza, de dor e perplexidade, as vossas almas ansiavam pela voz d'Aquele que nos amou até à morte e que é capaz de nos salvar «perfeitamente». Com o Salmista nós ecoámos os nossos sentimentos mais íntimos: «A Ti chamarei, ó Senhor, Rocha minha; não emudeças para comigo; não suceda, calando-te tu a meu respeito, que eu me torne, semelhante aos que descem à cova.» (Sal. 28:1).

Deus comunicava connosco

A nossa esperança está na comunicação de Deus connosco, o ponto essencial que existe na nossa fé é que servimos um Deus que pode responder e responde. Uma vida de experiência com Deus o Senhor, sob uma variedade de situações e circunstâncias compeliu David a dizer: «No dia em que eu clamei, me escutaste; alentaste-me, fortalecendo a minha alma.» (Sal. 138:3). É a voz de Deus que nos sustém; sem ela, nós seríamos como os que baixam ao abismo da morte, sem esperança, sem futuro, sem garantia. É a voz de Deus que dá direcção às nossas vidas,

sentido e propósito à nossa existência.

Infelizmente as nossas vidas são tão emaranhadas com as coisas materiais do século vinte e o egoísmo do nosso próprio coração que raramente o ouvimos falar. Para manter os nossos corações afinados com o céu, as nossas linhas de comunicação para o trono da graça devem permanecer abertas e os nossos sentidos espirituais em guarda para ouvir a Voz de Deus. Muitas vezes nos negócios dos homens e nas nossas próprias vidas, Deus tem falado com essa certeza que só Ele pode falar, mas a preocupação com o nosso próprio eu e com os desejos irregenerados dos nossos corações fazem com que essa voz passe sem ser ouvida. É só quando pomos de lado todo o fardo e os pecados que tão facilmente nos detêm, e exclamamos: «Fala Senhor, porque o teu servo ouviu» (Sam. 3:9) que seremos capazes de ouvir a silenciosa débil e meiga voz das cortes celestiais.

Sim, devemos dar ouvidos à voz de Deus. Mas isso não é suficiente. Precisamos também de responder à sua voz pela obediência. A lealdade implica e exige obediência e não pode haver lealdade genuína sem obediência ilimitada e franca. O próprio Mestre disse: «Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo». (João 7:17). A obediência é a prova da lealdade. Não há nenhum substituto.

A história do rei Saúl é muito apropriada. Ele foi rejeitado como rei de Israel por causa da sua desobediência à voz de Deus. O Senhor ordenara a Saúl que destruísse completamente os amalequitas e todas as suas ovelhas e bois. Mas Saúl poupou o seu rei, e «o melhor das ovelhas. «E Saúl e o povo perdoaram a Agag, e ao melhor das ovelhas e das vacas, e as da segunda sorte, e aos cordeiros e ao melhor que havia, e não o quiseram destruir totalmente; porém a toda a coisa vil e desprezível destruíram totalmente.» (I Sam. 15:9). Tentou esconder a sua deslealdade com uma desculpa que parecia razoável e justificável. Ele disse que «poupou para as oferecer a Deus (verso 15). Pode alguém ser tentado a perguntar: Podia Saúl ter feito outra coisa mais agradável

vel para o Senhor? Todavia Saúl apresentou razões com a declaração: «obedecei à voz do Senhor». (verso 20).

Há algo melhor do que o sacrifício. Falando em defesa do nome do Senhor, Samuel disse: «Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que sacrificar, e o atender melhor é do que a gordura de carneiro» (verso 22). Dirigiu então estas fatais palavras àquele que fora desleal à voz de Deus: «Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria.» (verso 23).

Para nós, membros da Igreja remanescente, isso tem um significado especial. A nossa obrigação de sermos leais à voz de Deus está na proporção directa da misericórdia que Ele nos mostrou ao revelar-nos a sua vontade. A nenhum outro povo em toda a história do homem foi a vontade de Deus tão clara e inconfundivelmente revelada como a nós. De nenhum outro povo exigiu o Senhor maior obediência e lealdade.

Quais são os meios pelos quais podemos hoje ouvir a voz de Deus? Algumas pessoas levantaram a questão: «Como posso eu saber de certeza que Deus me fala, quando é óbvio que o diabo também tem meios de me falar? Não há necessidade de se estar perplexo acerca deste assunto. Podemos discernir perfeitamente a Voz de Deus.

Deus fala através da Bíblia

Em primeiro lugar, Deus fala-nos através da Bíblia. É a Sua Santa Palavra e revelada vontade. É a Sua voz. Pode «fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus» «É proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça». Lealdade às leituras far-vos-á «perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra.» (2 Tim. 3:15). Será uma «lâmpada» para os teus pés e uma «luz» para o teu caminho (Sal. 119:105). Finalmente, a Palavra é «vida» (João 1:4). Esta é a razão porque os Adventistas são conhecidos como o povo do livro e como o povo da Palavra Ellen

G. White disse há alguns anos: «Na Bíblia, a vontade de Deus é revelada a seus filhos. Onde quer que seja lida, no círculo familiar, na escola ou na igreja, todos devem prestar silenciosa e devota atenção, como se Deus estivesse realmente presente e falando-lhes». (*Test.* vol. 5, p. 84).

Deus também nos fala através do Espírito de Profecia. A Igreja de Deus enfrenta hoje perigos sem paralelo, porque o diabo saiu para «fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo», o qual «é o espírito de profecia» (Apoc. 12:17; 19:10). Graças a Deus pelo Espírito de Profecia nestes últimos dias quando temos de enfrentar grandes problemas, perplexidades e perseguições. «Nestes últimos dias Ele fala... pelos testemunhos do Seu espírito — (*Our firm Foundation*, vol. 1 pág. 261).

Se bem que o Espírito de Profecia não seja «uma nova regra de fé» (*Early Writings*, p. 78), é «uma luz menor» para nos conduzir à «luz maior», a Bíblia. Foi dada «para corrigir aqueles que se afastam da verdade da Bíblia» e «para conforto do seu povo». (*Ibid.*) É um comentário inspirado na Bíblia. Deve guiar-nos e dirigir-nos no caminho em que devemos andar.

«Jamais houve tempo em que Deus instruisse o seu povo mais fervorosamente do que os instruí hoje acerca da sua vontade e do procedimento que Ele deseja que sigam». — *Test.* vol. 4, pág. 148). A mensageira do Senhor também advertiu «Estou autorizada por Deus para vos dizer que nenhum outro raio de luz através de *Testemunhos* brilharão no vosso caminho até que façais uso prático da luz que já vos foi dada (*Ibid.* vol. 5, pág. 666).

Através do Espírito

Deus fala-nos através do Seu Espírito Santo. Ele é o nosso constante e infalível guia e Consolador divino, enviado a nós por Jesus Cristo, da parte do Pai. Ele ensinar-nos-á todas as coisas, guiando-nos em toda a verdade (João 14:26; 16:13). Dirigir-nos-á no caminho da piedade, ensinando os san-

tos e edificando a Igreja (Isa. 50:21; João 15:26). Ajuda-nos nas nossas fraquezas (Rom. 8:26). Por essa razão a nossa necessidade hoje «é a vivificante influência do Santo Espírito de Deus», e temos a promessa de que é este «o tempo da chuva serôdia, em que o Senhor dará abundantemente o seu Espírito». (*Test. to Minister*, pág. 512.) Por esta razão somos exortados a «ouvir o que o Espírito diz às Igrejas» (Ap. 2:7). Isto apela para a nossa lealdade.

O ministério combinado destes três elementos — as Sagradas Escrituras, os escritos do Espírito de Profecia e o Espírito Santo — constituem os meios de Deus nos comunicar a sua vontade. Neles ouvimos a sua voz. Se estudarmos a Palavra de Deus com o auxílio do Espírito de Profecia e buscarmos a sua face em oração e meditação, o Espírito Santo falar-nos-á e mostrar-nos-á o caminho em que devemos andar.

A história sagrada está repleta de experiências dequeles que foram leais à voz de Deus. Noé, nos primórdios da história da nossa raça, demonstrou a sua lealdade pregando acerca da destruição iminente pelo dilúvio e preparando uma arca para salvar a sua casa.

Abraão «partiu, como o Senhor lhe tinha dito», «não sabendo para onde ia» (Gén. 12:4, Heb. 11:8), revelando assim lealdade à voz de Deus. Obedeceu de novo, quando ofereceu em sacrifício o seu único filho, tornando-se, assim, o pai dos crentes e herdeiro de uma «cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus» (Heb. 11:10).

Moisés, «recusou ser chamado filho da filha de Faraó» (verso 24), e «deixou o Egito, não temendo a ira do rei» (v. 27). Escolheu «antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado» (v. 25), por esta lealdade à sua voz, Deus honrou Moisés e ele foi ressuscitado para se formar uma das maiores personagens de toda a história e um herdeiro das maiores riquezas em Cristo Jesus.

No caminho para Damasco, Paulo ouviu a voz de Deus e respondeu: «Senhor, que queres que eu faça?». A promessa de lealdade feita naquele dia ha-

bilitou-o a declarar diante de um monarca descrente e inquiridor, mais de um quarto século mais tarde: «ó rei Agripa não fui desobediente à visão celestial» (Act. 26:19). A um companheiro de serviço ele escreveu: «Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé» (2 Tim. 4:7).

Em ano mais recente Martinho Lutero permaneceu de pé contra as forças combinadas do Santo Império Romano e da Igreja Católica, por causa da sua lealdade à voz de Deus. Um soldado do abordando no caminho para a Dieta de Worms, perguntou-lhe: «É você o homem que vai deitar abaixo o papado? Como vai fazer isso?» Ele explicou «Confio no Deus Omnipotente cujas ordens tenho».

Quando Lutero se aproximava da cidade de Worms, Spalatin, o Capelão de seu amigo Elector Frederico enviou-lhe uma mensagem suplicando-lhe por tudo que não pensasse em entrar na cidade. Lutero respondeu: «Ide e dizei ao vosso senhor que se estivessem em Worms tantos diabos quantas telhas estão nos telhados, mesmo assim eu aí iria». Tal é a lealdade que devemos desejar para nós próprios.

Ao chegar Lutero à porta do palácio imperial e do salão no qual ele ia ser julgado, o general veterano Friendsberg, tocando-lhe no ombro, observou: «Fradinho, tens na tua frente um combate tal como nunca eu ou quaisquer outros capitães já viram mesmo nas nossas mais sangrentas campanhas». Com essas palavras soando aos seus ouvidos, Lutero permaneceu de pé diante daquela augusta assembleia de senhores, reis, prelados eclesiásticos, e do imperador para declarar a sua firme lealdade à voz de Deus nas palavras: «Aqui estou. Não posso fazer de outro modo!»

Os pioneiros do Advento

A nossa imediata herança espiritual não é isenta de lealdade e de vocação. De facto, o Adventismo é o resultado da lealdade. Os Milenaristas pregaram fervorosamente o segundo advento de Cristo e o fim deste mundo por volta

de 22 de Outubro de 1844. Era o acontecimento sobre o qual fixavam a sua atenção e apoiavam as suas esperanças. Todavia, o 22 de Outubro veio e foi. A sua passagem foi um desapontamento terrível e resultou em frustração, confusão, divisão, fanatismo e um sentimento de derrota e solidão. Isto aumentou ainda mais com os escárnios dos seus inimigos. Mas esses santos recusaram ser desleais à voz de Deus. Procuraram fervorosamente conhecer o pensamento de Deus e submeteram-se à sua vontade. A Igreja Adventista do 7.º Dia é o seu resultado e nós hoje temos o privilégio de ser uma parte dela.

Nesses dias de desapontamento, confusão, angústia e incerteza, a voz de Deus veio a uma menina de 17 anos, cristã devota, fisicamente inferiorizada. Ellen G. White permaneceu sempre leal a essa voz. Ela levantou-se «para tomar a tarefa e falar em nome de Deus, fazendo isso fielmente e bem, durante 70 anos. Da sua pena vieram 25 milhões de palavras, publicadas em 43 livros e 4.000 artigos de jornais» — (*Our Firm Foundation*, vol. 1 p. 207).

Faltar-nos-ia o tempo para falar de Tiago White, de José Bates, de J. N. Andrews, S. H. Haskell, J. N. Soughborough, Elias Smiths, Jorge F. Butler e muitíssimos mais que foram leais à voz de Deus e por esse meio puseram os fundamentos para o maior demonstração do poder Salvador de Deus nos últimos dias da história deste mundo. Eram todos homens e mulheres com as mesmas paixões que nós, mas tornaram-se valentes na causa de Deus porque foram leais à sua voz.

Os que de igual modo são leais à voz de Deus passarão triunfantemente através dos perigosos dias que hão-de vir, para entrarem no reino de Deus. Ansiamos estar nessa vitoriosa companhia de santos. Graças a Deus este pode ser o nosso privilégio. Olhemos para Jesus «autor e consumidor da nossa fé». Oremos fervorosamente para que Deus na sua infinita misericórdia e amor nos conceda a mente de Jesus, essa mente que o fez leal e obediente à voz de Seu Pai «até à morte e morte da cruz». (Fil. 2:8).

Escutai a voz de Deus. Tomai tempo para estudar a Palavra e os escritos do Espírito de Profecia e para meditar e orar. «Hoje se ouvirdes a sua voz,

não endureçais os vossos corações». (Heb. 4:7). «Este é o caminho, andai nele» (Isa. 30:21).

Quarta-feira, 9 de Novembro de 1966

Lealdade aos Princípios

por John Soor

No décimo primeiro capítulo do livro de Hebreus lemos as seguintes palavras: «Pela fé Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó.

Escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado; tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egipto; porque tinha em vista a recompensa» (versos 24:26). A escolha de uma vida inteira engrandeceu Moisés. Ele podia ter tudo pelo que o coração natural suspira, ou podia escolher lançar a sua sorte com o povo de Deus. A escolha de Moisés envolveu um número de factores-chaves. Embora não seja em grande escala, humanamente falando, cada um de nós que vive agora tem uma escolha similar a fazer. Há quatro factores que se destacam na escolha de Moisés. Os mesmos quatro temos nós de confrontar na escolha que temos que realizar neste ano crítico dos sessenta.

1— Um factor envolvia dinheiro e vantagem material. Observai novamente Heb. 11:26: Tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egipto; porque tinha em vista a recompensa». Havia no Egipto tesouros suficientes para deslumbrar mesmo John Paul Getty, que muitos consideram o homem mais rico do mundo. Tudo isto rejeitou Moisés pela causa de Jesus Cristo. Na linguagem dos nossos dias ele podia ter tido um lar fabulosamente belo, que faria a mais ornamentada mansão desta terra parecer uma casa de camponeses — um aparelho de televisão em cada quarto, uma piscina de dimensões olímpicas, dois novos automóveis de grande preço cada ano, ou até cada mês, e ainda mais,

muito mais, mas para ele, as suas relações com o Senhor eram mais importantes que todo o dinheiro do mundo, e tudo o que o dinheiro pode comprar.

Quão importante é Jesus para nós em 1966? Haverá algum preço pelo qual vendêsemos a nossa relação com Ele? Possamos nós amar mais a Jesus do que o dinheiro ou algo que o dinheiro possa comprar. Possamos nós ter o espírito de certo missionário a quem, há alguns anos, pediram para deixar a sua obra missionária e que se tornasse representante de uma grande companhia de petróleo. Foi-lhe oferecido um salário de 286 contos. Nessa altura 286.000\$00 ainda valiam mais do que hoje. Quando ele recusou, ofereceram-lhe 572. De novo ele recusou. A oferta seguinte foi de 25.000 dólares. Mais uma vez este dedicado homem de Deus recusou pôr as coisas secundárias em primeiro lugar. Finalmente a companhia disse-lhe que fixasse ele o seu próprio salário. O missionário respondeu com estas palavras: «O salário que primeiro me ofereceram seria mais do que suficiente, porque, presentemente, eu ganho cerca de 35.000 dólares por ano. Não é o vosso salário que é demasiado pequeno. É o vosso emprego. Eu tenho um emprego maior do que aquele que me poderíeis oferecer!»

Quando Jesus foi para a cruz do calvário, mostrou-nos que éramos a mais preciosa consideração em todo o universo, mais importante até do que as riquezas do céu. Quão elevadamente prezamos nós a nossa relação com Cristo e esta gloriosa mensagem do terceiro anjo que Ele nos confiou?

O sacrifício dos pioneiros

Ao considerarmos o que deve ter o primeiro lugar nas nossas considerações agora e nos nossos planos para o futuro, oremos a Deus para que o espírito de sacrifício dos nossos pioneiros do advento seja soberano nas nossas almas. Já alguma vez tomastes tempo para ler algo do que eles fizeram por Cristo e Sua Igreja no domínio material? Eis aqui um excerto de uma carta escrita por E. G. White a um certo irmão Howland, datada de 16 de Abril de 1852:

«Estamos precisamente a instalar-nos em Rochester. Alugámos uma velha casa por 175 dólares ao ano. Temos a imprensa em casa. Se não fosse isso, teríamos de pagar 50 dólares por ano para um escritório. Havia de se rir, se pudesse olhar para nós e ver a nossa mobília. Comprámos duas armações de cama por 25 cêntimos cada. O meu marido comprou-me seis cadeiras velhas, não havendo duas iguais, pelas quais pagámos um dólar e passado pouco tempo ofereceu-me outras quatro cadeiras velhas, sem fundo, pelas quais pagámos 62 cêntimos. As molduras dos quadros estão fortes e eu tenho estado a pôr-lhes fundos com pano forte. A manteiga é tão cara que não a compramos e também não podemos comprar batatas. Usamos molho em vez de manteiga e nabos em vez de batatas. As nossas primeiras refeições foram tomadas numa tábua colocada em cima de dois barris de farinha vazios. Estamos prontos a suportar privações se a Obra de Deus assim pode avançar!» (*Test.* vol. 1 pp. 90, 91). Vive ainda o espírito dos nossos pioneiros? Pode estar no vosso e no meu coração! Que Deus nos conceda uma espécie de Espírito. Eles passaram-nos o facho da verdade. Que nós não permitamos que este grande facho se extinga num charco de lama materializada.

Um nome

2 — O segundo factor importante na escolha de Moisés e na nossa hoje, é aquele que diz respeito à posição, ao prestígio ao nome. É muito profundo em quase todos os corações humanos, independentemente da idade, o desejo de realmente ser alguém. Talvez muitos de nós não o admitamos, mas é um facto. Dizem-me que no Museu Britânico em Londres,

se pode ver um grande número de múmias egípcias. Algumas são de reis do Egipto. Quantos de vós sabem pelo menos um dos seus nomes? Quantos de vós, antes de lerem o texto de hoje já tinham ouvido falar de Moisés? O ponto está claro. Ajuda uma pessoa a compreender o que é realmente a verdadeira posição, o verdadeiro prestígio, e um verdadeiro «nome». Ouvimos muitas vezes a palavra «estrela» usada no mundo comercial dos desportos, ou no mundo do teatro, ou, como alguns dizem, no firmamento político ou artístico.

Gostaríeis vós de ser realmente uma estrela? No verdadeiro sentido da palavra eu gostaria muito de ser uma e creio que vós também. Gostaríeis de saber como nos tornamos uma *verdadeira* estrela? A fórmula de êxito encontra-se em Daniel 12:3: «Os entendidos pois resplandecerão, como o resplendor do firmamento e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente». Estas estrelas brilharão num pavilhão que nunca poderá ser quebrado por vendavais ou escurecido pelo diabo. Se desejais ser uma estrela eterna, dai sem reservas o vosso coração a Jesus Cristo. Ele pode transformar o vosso coração pecaminoso se vos entregardes completamente a ele e deixardes tudo sobre o altar da dedicação e serviço.

O chamado do mundo é um chamado para o egoísmo. O chamado de Jesus Cristo é um chamado para a abnegação. João Ruskin disse: «Quando um homem se envolve em si mesmo faz um bem pequeno embrulho.» Aqui temos, pois, porque Deus insta connosco para lhe darmos completamente as nossas vidas e à Sua causa. Ele deseja que sejamos realmente alguém. Durante esta Semana de Oração, o Bendito Salvador convida-vos a atrelar a vossa vida espiritual e temporal a muito mais do que a qualquer estrela terrena. Convida-vos a unir a vossa alma a Ele, o Sol da Justiça, a Luz do mundo. A vida, então, será realmente incandescente para vós e sabereis com segurança que estais vivendo a vida abundante.

Uma história de dois irmãos ilustra vividamente o que constitui um nome. Havia dois rapazes na família Taylor em Inglaterra, há uns anos. O mais velho disse que devia fazer um nome para a família; voltou-se, assim, para a política, para o Parlamento, para alcançar «fama». O mais novo decidiu dar a sua vida ao serviço de Cristo e ao dever. Hudson Taylor, o missionário, morreu, amado e conhecido em todos os continentes. Mas quando al-

guém consultou uma certa enciclopédia para ver o que é que o outro irmão tinha feito, encontrou apenas estas palavras: «O irmão de Hudson Taylor.»

Ao continuarmos a apreciar a escolha de Moisés vemos agora que ele tem uma posição, um nome, um prestígio com o qual nenhum homem na terra pode rivalizar nem igualar. Nesta semana vital, possais vós amar tanto a Jesus que conteis como a maior posição em todo o mundo ser capaz de dar o vosso passo em lealdade e serviço sob a bandeira ensanguentada que leva o nome de Rei dos Reis.

O estímulo da vida

3 — O terceiro factor que tendes de confrontar ao fazerdes a vossa escolha para a vida inteira — um factor que Moisés também teve de confrontar — é a questão do estímulo da vida. Ou, por outras palavras, a intriga, excitação, prazer e divertimentos. Todos querem uma vida com significado e uma experiência estimulante. Esta é outra razão suprema porque Jesus deve ter o primeiro lugar na vossa vida. Harmonizai a vossa vida com o Seu programa. É a experiência mais desafiadora, mais excitante, mais fascinante e estimulante que jamais conhecestes.

Infelizmente, mas realmente, uma grande parte dos jovens — rapazes e meninas da América estão hoje bebendo de cisternas rotas... Não há muito tempo o Serviço de Testes Educacionais fez preencher a 15.000 estudantes liceais questionários indicando os maiores interesses no colégio. A maioria nomeou a vida social, actividades fora da vida escolar, atletismo, amizades e «manter as tradições do colégio». Por essa altura uma revista nacional publicou um notável artigo intitulado: «Quanta liberdade devem ter os estudantes liceais?». Um dos excertos que deviam fazer qualquer um de nós com princípios cristãos pensar maduramente acerca de onde vivemos no curso da vida, diz o seguinte: «Na Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut, há algumas semanas, os estudantes obtiveram permissão das meninas visitarem os dormitórios dos rapazes todos os dias da semana. Nos fins de semana, podem ficar até à meia-noite». «No Colégio da Trindade, em Hartford, Connecticut, no fim do último ano os oficiais baniram o licor das recepções da escola e os estudantes protestaram enérgicamente. Trezentos avançaram até à casa do Direc-

tor, cantando: «Nós queremos bebidas alcoólicas». Algumas fotografias acompanham o artigo. Uma mostra 2 rapazes e duas meninas numa sala de uma casa de fraternidade. Por baixo desta fotografia, lemos: «Estudantes da Universidade de Cornell têm um encontro de estudo numa sala de uma casa de fraternidade. (Posso dizer, entre parêntesis, quão ingénuas podem ser algumas pessoas!) Também se permitem encontros nos dormitórios.» Uma outra gravura mostra um jovem tomando um cálice de licor no seu quarto. Por baixo desta fotografia lemos: «Um membro da Fraternidade, numa escola da liga Ivy toma uma bebida num pequeno *bar* do seu quarto.»

Ao considerarmos estas coisas, que mais e mais caracterizam o nosso dia, fazemos bem em acreditar de novo nas palavras de II Pedro 3:11: «Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo, trato e piedade». Que emoção e privilégio é atender à admoestação celestial de Filipenses 2:15: «Para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio d'uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo».

Temos uma verdadeira indicação quanto à sabedoria da escolha de Moisés em Heb. 21:25: «Escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado» Satanás nunca diz que estas coisas são apenas «por uns tempos». Nunca diz ao fumador — principalmente que ele poderá acabar um dia numa cadeia, que terá dedos amarelados, respiração afectada e possivelmente espasmos dolorosos nos brônquios do pulmão. Ele nunca diz ao filho ou filha de Deus ao tomar a primeira bebida numa reunião social que um dia ele ou ela pode acabar como um alcoólico, com uma mulher ou marido defunto, e filhos emocionalmente cicatrizados e fracassados.

Ele nunca diz ao cristão prestes a desviar-se imperceptivelmente da vereda da pureza moral quão verdadeiramente escorregadio é o trenó da impureza moral. Ele nada lhe diz sobre a maldição das doenças ou das misérias de um carácter ou de um corpo arruinados que daí poderão advir, ou dos remorsos que sempre sobrevêm naqueles futuros momentos de solidão ou das cicatrizes que deixadas em duas ou mais vidas ou dos segredos de família que com um carácter deprimente mais tarde surgem à luz inexorável e cruel do dia, e das lágrimas de angústia da alma, que sempre se seguem.

Companheiros membros da igreja remanescente de Deus, no nome do Amante das vossas almas eu vos desafio a serdes diferentes. Desejais *realmente* ter uma vida boa? Desejais realmente a mais significativa e verdadeiramente estimulante vida? Aqui está o caminho, em Salmos 16:11 «Far-me-ás ver a vereda da vida! na tua presença há, abundância de alegrias; à tua mão direita há delícias perpétuamente» (não por um tempo, mas) para sempre». É um Superlativo. Não pode ser excedido. Se desejais uma vida emocionante, livre do aborrecimento maligno, colocai-vos em contacto com Jesus Cristo, através da oração, do estudo fiel da Sua Palavra e do testemunho de Jesus e serviço na Sua Igreja.

Falando da emoção que nos advém ao respondermos ao apelo de Cristo para o Serviço na Sua Causa e pelos outros, nós todos faríamos bem em considerar a experiência de Mark Newbold. Mark vive em Riverside, Califórnia. Mark é um... amador de rádio. Muitos de vós lembrar-se-ão de ter lido acerca de uma inundação no norte da Califórnia, há menos de dois anos. No coração desse trágico episódio, Mark apanhou uma transmissão da área do rio Klamaz. O chamado vinha de Filipe Bradley, dizendo de uma mulher num rancho daquela área com uma perna partida e que requeria assistência imediata. O rancho tinha sido isolado da comunidade mais próxima pelas inundações. Marcos respondeu e fez com que sua mãe telefonasse para a Defesa Civil que por sua vez transmitiu o apelo através do Sistema Nacional de Advertência para o escritório do Ministro em Sacramento, Capital do Estado. Hora e meia depois a mulher estava sob os cuidados de um médico. Marcos que era rádio-amador havia apenas um ano, disse mais tarde: «Eu fiquei como que paralizado; a minha mão tremia... Eu não pensava que coisas como essas pudessem acontecer. Eu nunca ouvira uma chamada como essa».

Pelo maravilhoso falar do Espírito Santo no vosso coração neste momento, talvez estejais a ouvir um chamado, tal como nunca antes ouvistes. Mark Newbold respondeu ao seu chamado. Como resultado sentiu uma verdadeira alegria, verdadeira emoção, real satis-

fação no seu coração. Ao responderdes ao chamado de Deus no vosso coração durante esta Semana de Oração conhecereis verdadeira alegria. Verdadeira emoção, real satisfação e significado na vossa vida.

Temos de escolher

4 — Na avaliação da vossa escolha para a vida inteira, a questão do dinheiro e vantagens materiais é importante. O factor da posição e prestígio é significativo. O assunto do estímulo intrínseco para a vida é altamente relevante na escolha de qualquer pessoa. Mas a maior consideração de todas que cada um confronta neste momento — e em cada momento das nossas vidas — é aquilo a que eu gosto de chamar *o amoroso chamado de Jesus para O seguirmos*. É uma decisão pessoal e temos apenas duas escolhas pela própria natureza da nossa existência neste presente mundo. Podemos aceitá-lo como nosso Salvador e Senhor, ou podemos rejeitá-lo. Não há uma terceira posição. Não há «Suiça espiritual» no grande conflito entre Jesus e Satanás. Convido-vos a fazerdes esta escolha à luz do Calvário.

Parai, desviái-vos da corrente de «loucura materialística» e deixai que o tubo de neon desapareça. Voltai o vosso rosto para o sofredor Cordeiro de Deus, suspenso entre o céu e a terra por vós e por mim. É aqui, queridos amigos que nós realmente fazemos a nossa escolha. Quando realmente vemos Jesus no madeiro do Gólgota com o cabelo ensanguentado sob uma coroa de espinhos, com o lado trespassado pela lança, com as mãos rasgadas, cravadas nos braços da cruz e Seus fiéis pés fixados nessa mesma cruz, eis quando realmente fazemos a nossa decisão. Que fareis vós com Jesus?

Hoje pode ser um dia que nunca mais esqueçais na vossa relação com o vosso Salvador, se o desejardes. Nesta hora decisiva que a vossa escolha seja a mesma de Moisés. Que Jesus, a Sua verdade e a Sua Igreja tenham o primeiro lugar nos vossos corações e em todos os vossos planos, para este presente mundo e para a eternidade.

Lealdade à Comissão do Evangelho

por W. Duncan Eva

Durante 6.000 anos tem rugido feroz batalha entre as forças do bem e do mal. Estamos no meio da batalha final e decisiva que se vai travar na última hora da terra. Esta batalha «Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas d'este século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais» (féisios 6: 12). Os perigos são elevados, os resultados são tremendos, o inimigo é implacável e determinado e usará todos os diabólicos ardis que conhece para alcançar o seu propósito. Esta não é uma hora para indecisões e irresoluções, para cobardia e transigências, atitudes estas que são fruto da incerta e duvidosa submissão à verdade e à justiça. Esta é a hora para a coragem resoluta, para a firme lealdade a Jesus nosso Rei.

É sob esta coragem e lealdade da Igreja de Deus e do Seu povo que depende em grande medida o triunfo final da Verdade. É à Igreja que Deus confiou o evangelho da salvação. Ela deve levar a mensagem do seu amor a todo o mundo, porque foi a ela que Ele deu a comissão de «Ide, ensinaí todas as nações, baptizando-a em nome do Pai e do Filho e Espírito Santo» (Mat. 28:19). Ela é o cenário da Sua graça na qual Ele exhibe as glórias do seu poder Salvador. Os seus filhos e filhas demonstram fiel lealdade a Deus numa era de infidelidade e nela se realiza a plena e final demonstração do amor de Deus. A reivindicação do nome e carác-

ter de Deus perante o universo está confiada pela sua Providência e pela sua vontade ao seu povo.

Como temos nós medido o ano que estás prestes a passar, irmãos e irmãs, em relação a esta grande responsabilidade, a este sagrado depósito? Será o relato da lealdade da Igreja tal que agrade a Deus como a sua resposta à medida do seu amor por ela e da sua confiança nela? Ou, fazendo a mesma pergunta mais individualmente, terá o nosso relato pessoal de lealdade, serviço e devoção, contribuído para testemunho da sua igreja, como o Salvador justamente espera?

Consideremos três aspectos deste assunto da nossa lealdade ao Senhor e Seu trabalho.

Vivemos nós de acordo com a luz que Deus nos deu? O seu Espírito traz a Verdade aos nossos corações, mas é a obediência à verdade, pela graça divina, que comunicam ao testemunho da nossa vida a qualidade convincente que não pode provir de nenhuma outra fonte. A Palavra Sagrada declara que «aprouve a Deus Salvar os crentes pela loucura da pregação» (I Cor. 1:21). Essa pregação «não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana mas em demonstração de Espírito e de poder» (I Cor. 2:4), poder que vem de um viver pela graça de Deus em leal harmonia com o que nós cremos.

Há uma espécie de proclamação da mensagem do terceiro anjo que frequentemente significa apenas ruína e

denúncia porque leva os homens inconvertidos ao desespero. Não oferece nenhum meio de escape do pecado. Mas a verdadeira pregação por aqueles que encontraram a justiça que é «a obra do Espírito através da fé» (Gál. 5:5. N. E. B.) aponta aos homens o caminho de escape ao pecado e ao juízo. Eles vêem demonstrando, em tais vidas, aquilo que a mensagem Salvadora de Deus é capaz de fazer.

Tal demonstração é uma parte vital da mensagem do terceiro anjo. O anjo não anuncia sómente o destino ruinoso daqueles que recebem o sinal da besta; a sua mensagem chama a atenção para um povo em cujas vidas se devem ver os frutos da lealdade ao Salvador. É dito deles: «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.») Ap. 14: 12. Assim repetimos para salientar: É a lealdade a Jesus e à sua lei, da parte dos filhos de Deus que dá significado à mensagem do terceiro anjo. Isto transforma-a de uma mensagem de ruína para uma gloriosa esperança.

Tal testemunho não pode tornar-se perfeitamente efectivo num ou dois dias. É preciso tempo para produzir fortaleza, o suportar paciente dos santos. A santificação é a obra de uma vida inteira. É uma dependência dia a dia da graça de Deus, através do poder do Espírito que produz um carácter semelhante ao de Cristo que habilita uma pessoa a guardar os mandamentos de Deus e a permanecer leal a Jesus em todas as circunstâncias. Então o testemunho pessoal das nossas vidas e a sua influência como uma parte do testemunho colectivo da igreja torna-se o factor vital da «loucura da pregação».

Como isto é bem ilustrado na vida de Patrício Delatorre, um rapazinho de 8 anos, o «pequeno Lutero» do Equador. Os seus pais são católicos, mas a pedido de sua irmã mais velha que é uma firme professora Adventista numa escola dominical, ele frequenta essa escola. Se bem que ele fosse pequeno, na sua vida operou o Espírito Santo o maior de todos os milagres: a Conversão. Alarmados, os seus pais enviaram-no para uma escola católica isolada.

Não disseram que ele era adventista mas em poucos dias todos na nova escola sabiam da sua fé. Foi preciso coragem, mas ele não foi à missa, nem leu as orações de um livro. Em vez disso orou a Deus de todo o seu coração de manhã e à noite e às refeições. Não adorou a Virgem nem foi às aulas ao Sábado. Interrogado pelos padres acerca da sua fé, bem pouco ele podia dizer, excepto expressar a sua determinação de ser fiel ao seu Deus. Foi punido corporalmente, foi-lhe negada a comida, foi colocado sozinho, mas não cedeu. Quando viram que o seu exemplo estava a influenciar outras crianças, levaram-no ao bispo como «o nosso pequeno Lutero».

O bispo fez-lhe várias perguntas acerca da religião Adventista. Chorando, mas de cabeça erecta, Patrício respondeu: «Eu não sei muito da minha religião mas sei que lhe serei fiel até morrer.» Quando lhe perguntaram se ele sabia quem era Lutero, ele respondeu: «Não sei muito acerca dele, mas serei como ele.»

O bispo ordenou aos sacerdotes: «Levem o pequeno Lutero, respeitem-lhe a fé e deixem-no em paz. O Equador precisa de rapazes como ele.»

Medindo a responsabilidade

Consideremos o capítulo a seguir fazendo uma pergunta: Somos nós também leais ao Nosso Senhor em obediência actual à Sua grande comissão? Os primeiros discípulos foram, porque poucos anos depois Paulo escreveu que o evangelho tinha sido «pregado a toda a criatura que há debaixo do céu» (Col. 1:23). A nossa tarefa nestes últimos dias tal como sempre a compreendemos, é finalizar a obra, dar testemunho tão claramente que na crise final ninguém seja capaz de dizer diante do tribunal de Deus: «Eu não percebi esses assuntos nem tive oportunidade de aprender o seu significado.

Para os Adventistas do 7.º Dia, a Grande Comissão é ampliada pelas mensagens dos três anjos. Eles relatam o evangelho eterno a estes tempos, am-

bas em vista da hora solene do julgamento que é vinda e à moderna apostasia que caracteriza a nossa era. Fazem do cumprimento da comissão de Cristo um ponto de vida ou morte urgente para a igreja e para o mundo condenado. Como medis vós as vossas responsabilidades?

Primeiro do que tudo há o vosso vizinho. Conheceí-lo? Representa a vossa vida e a vossa família, convenientemente a igreja de Deus. Estais vós orando por ele, suplicando que Deus vos use para ajudá-lo? Já lhes falastes dos perigos destes tempos e com tacto tentastes por todos os meios razoáveis dar-lhe o conhecimento da mensagem? Quando os canais da comunicação se rompem, tentais vós sincera e humildemente reconstruí-los de novo? É vosso propósito primordial na vida viver de modo que Deus possa usar-vos para alcançar os homens com a Sua Verdade?

E que dizer dos conhecimentos casuais, os vossos companheiros de viagem que se sentam habitualmente a vosso lado, que encontrais nos vossos contactos em negócios, o homem que trabalha no banco em frente ao seu ou da rapariga da secretária a seguir à sua, dos colegas estudantes da escola que frequentais ou da gente da loja da esquina? Qual é a influência da vossa vida e das vossas palavras? É o vosso testemunho manso e próprio de um cristão, todavia directo e propositado?

Se a igreja precisa de vós no seu trabalho organizado aqui ou lá no estrangeiro, estais dispostos a fazer os sacrifícios que isso compreender para suportar alegremente as desvantagens e inconvenientes? Quantas chamadas há para enfermeiras, professores, médicos, ministros, que ficam sem resposta, sem serem preenchidas? «Será possível que quando ouvirdes o chamado: «A quem enviarei e quem há-de ir por nós?» (Isa. 6:8) que penseis numa dúzia de outros e não em vós próprios? E podia Deus desejar que tu mesmo respondesses!...

Ora, se ouvirdes o chamado e decidirdes «ir» haverá alguma reserva? Estais vós talvez dizendo: «Passarei um período nas missões — um período pe-

queno — e depois regressarei tendo feito a minha parte.» Talvez que devesse olhar um pouco mais de perto a experiência de Isaías. Também, ele, se perguntava quão longe seria o seu período de serviço no... Com angústia, depois do encanto se ter despido do trabalho e os difíceis factos de uma difícil tarefa ficaram descobertos, ele perguntou: «Até quando, Senhor?» (verso 11) Será um período, ou dois, ou mesmo mais?

A resposta veio clara e inequívoca: o assunto não é questão de *tempo* mas de lealdade na terminação de uma *tarefa*. Com efeito, Deus Disse: «Isaías, se tu aceitares este chamado, deves ficar no teu posto de dever até o trabalho ser feito e a provação humana terminar — até que se assolem as cidades e fiquem sem habitantes, e nas casas não fique morador e a terra seja assolada de todo!»

Tal é também o nosso chamado. Nestes tempos, compreendendo os propósitos de Deus como nós compreendemos, podíamos nós honestamente, oferecer-lhe menos? Não devia cada um de nós dizer como Paulo: «Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.

Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego». E assim, quando está em mim, estou pronto... Porque não me envergonho do evangelho de Cristo». (Rom. 1:14, 16) Se esta fosse a nossa sincera resposta muitas coisas que estão agora confusas nas nossas mentes e consciências tornar-se-iam mais claras e haveria grandes transformações na Causa de Deus. Os nossos hospitais e sanatórios podiam arranjar pessoal Adventista; alguns chamados para as missões que tanto têm esperado, seriam preenchidos rapidamente com obreiros capazes, consagrados e qualificados.

Quando Isaías viu Deus na sua igreja, enfraquecida e defeituosa como estava naquele dia, a sua fé aumentou, a sua coragem cresceu, ele compreendeu o trabalho que se requeria dele, e ouviu e respondeu ao chamado do dever. Certamente que nestes dias Deus pede e espera nada menos de todos

nós — dedicação completa à sua causa e pronta obediência à sua Grande Comissão.

Sustentando a Causa de Deus

A nossa lealdade ao Senhor e ao seu trabalho demonstra-se de uma outra maneira. Nem todos podem ir, mas todos, incluindo os que vão, podem apoiar a Causa de Deus de acordo com o plano divino dos dízimos e ofertas voluntárias. O trabalho, que começou com sacrifício será terminado com o mesmo sacrifício. Os sinais que se cumprem certamente mostram que este é o tempo em que identificação leal com a causa de Deus exige que façamos aquilo que soubemos que sempre devíamos fazer — dar sistematicamente, um verdadeiro espírito de sacrifício, para a terminação da obra.

Na cidade de Miyazaki no sul do Japão vive um velho casal. O seu salário mensal é de 8.000 yen, ou seja cerca de 650\$00. Se bem que o custo de vida seja elevado, a irmã cega e seu marido não muito forte fisicamente, eles são os mais fiéis ofertantes da igreja. Não há nunca uma colecta que eles não contribuam com sacrifício dando moedas que tinham planeado usar noutra coisa. O seu lar é uma casa em ruínas e as suas roupas não valem muito, não têm carro, nem sequer uma bicicleta, não têm telefone e nem sequer têm um fogão para os aquecer no inverno. Mas há um fogo ardendo nos seus corações e um desejo de ver Jesus voltar muito em breve. Arde esse mesmo fogo no vosso e no meu coração? A terra pode julgar este fiel casal de pouca importância, mas eles têm grande valor no conceito de Deus. Têm a fé, a lealdade e a sabedoria simples de investir naquilo que permaneceu. Os seus dividendos nunca serão diminutos.

Em Ladysmith, África do Sul, um crente africano ao dizimar o gado, como a Bíblia instrui, ficou consternado quando a vara caiu numa vaca magra e adoentada. Sentiu-se envergonhado de apresentar o animal ao Senhor como dízimo e assim cuidou dela devotadamente, gastando generosamente

seus escassos meios até que o animal ficou em excelente condição. Então com o coração alegre deu-o a Deus.

Só aquilo que para nós é o melhor, é que é suficientemente bom para Deus. Quando honesta e conscienciosamente, de boa vontade, alegre e naturalmente Lhe entregamos o que é a sua parte como nosso sócio, não somente nós somos grandemente abençoados como indivíduos, mas a Causa de Deus prospera com meios nos quais repousa a bênção de Deus e com uma influência espiritual que alegra e enriquece a igreja. O espírito de lealdade e fidelidade do povo de Deus — ricos como pobres — é um recurso da igreja cujo valor não pode ser calculado. Se tendes sido leais neste assunto de dízimos e ofertas, não desejaríeis vós confirmar a vossa resolução de continuar assim até ao fim? Se não tendes sido bem leais, não gostaríeis, para vossos próprio bem e para o bem da Igreja endireitar o passado e prometer solenemente a Deus tudo o que Ele pede — e mais? Nenhum investimento tem melhores garantias e nenhum renderá maiores e mais certos dividendos. Destes dividendos sairá um amor mais forte pelas coisas celestias. Jesus não disse: «Onde está o vosso coração aí está o vosso tesouro.» Esta é a simples e por vezes terrível verdade. Mas Ele disse: «Onde está o vosso tesouro aí está também o vosso coração» (Mat. 6:21). Coloquemos, pois, resoluta e firmemente os nossos tesouros onde queremos que estejam os nossos corações.

Ao considerarmos novamente a nossa relação pessoal para com a Grande Comissão, olhemos primeiro para a luz, falando da sua mensagem de misericórdia, de perdão e de reconciliação a todos os homens, apresentando o seu exemplo de serviço em favor dos outros e demonstrando a superioridade inequívoca do triunfo certo do caminho do amor. A seguir lembremo-nos que no plano de Deus, o longo domínio do pecado deve ter um fim, que Aquele que está à Sua direita deve reinar com Justiça eternamente e que estes são os dias em que esse reino vai começar. Os acontecimentos cumprem rapidamente profecia após profecia. Se bem que ainda falte

muito para ser feito, Deus terminará rapidamente a sua obra «Porque o Senhor executará a sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a.» (Rom. 9:28). Deus chama-nos urgentemente a viver à altura dos nossos privilégios e

responsabilidades a declarar pela nossa vida e conservação a nossa lealdade ao nosso Rei e a permanecer-lhe leal aconteça o que acontecer. Numa tal hora podemos nós honestamente e seriamente oferecer-lhe menos?

Sexta-feira, 11 de Novembro de 1966

LEALDADE À VIDA

por Lawrence Nelson

Hoje as maravilhas da ciência forneceram ao mundo tantas maravilhas que a maior parte das pessoas que vivem nesta hora foi levada a acreditar que a salvação pode ser determinada apenas pelas técnicas da investigação científica. O resultado é uma filosofia mais ou menos assim : Nada pode ser aceite a não ser que se prove cientificamente como um facto. A fé deve ser considerada fora de moda, uma coisa do passado.

Na realidade os tempos pouco mudaram através dos Séculos. Pensai na ocasião em que Jesus disse aos Seus discípulos que o céu era um lugar real com «muitas mansões» cujo centro era o trono eterno de Deus. Os olhos de Filipe encheram-se de admiração ao escutar. Mansões em glória! Qual é o significado disto? Jesus vai para o céu para preparar um lugar para os seus discípulos? Então ao ponderar estes pensamentos, Cristo declarou: «Virei outra vez».

A fraca experiência cristã de Filipe achou isto difícil de aceitar. Se ele pudesse, ao menos ter a certeza! Se Ele pudesse ao menos ver! «Senhor», suplicou, «mostre-nos o Pai, o que nos basta.» (João 14:9).

A lição é para todos. Conhecer a Jesus é conhecer a Deus o Pai. Da mesma maneira a juventude cristã na sua geração sem fé deve viver uma vida cristã, através de um testemunho diário sem vergonha que outros possam claramente distinguir a semelhança de

Jesus em tudo o que faz. Travar conhecimento com tal juventude é ser dirigido para o Salvador. Que privilégio testemunhar para Deus nesta hora da história da terra!

Nos primeiros anos, quando o nosso trabalho não estava tão bem estabelecido, alguns dos nossos ministros foram enviados para abrir trabalho em novas áreas, e isso impossibilitou seus filhos frequentarem escolas da igreja. Uma ocasião uma menina filha de um dos nossos evangelistas foi obrigada a frequentar uma escola pública, enquanto seu pai trabalhava para estabelecer uma igreja numa nova área. A jovem adventista suscitou a curiosidade dos estudantes. Os seus companheiros ficaram encantados com a sua disposição amigável e sua atitude cristã mas ficaram espantados por ela se não conformar com muitas das suas atitudes.

«O que é que te faz tão diferente?» perguntaram-lhe um dia.

Por momentos Maria não sabia que responder. Então disse: «Bom vocês sabem, eu sou uma Adventista do 7.º Dia.»

«O quê? uma adventista? Nunca ouvimos falar nisso. O que é uma adventista do sétimo dia?»

De novo a mente juvenil de Maria buscou encontrar palavras. «Um adventista do sétimo dia é exactamente aquilo que eu sou!»

Que avaliação inestimável de si própria, se alguém a pode dar honestamen-

te. Quantos de nós poderiam responder assim? Não será propósito de Deus que cada um de nós testemunhe através de todos os actos da nossa vida que de facto estamos ligados a Cristo e somos em verdade Adventistas do Sétimo Dia?

Cidadelas para a divindade

Quanto implica a palavra «lealdade?»

Jesus disse: «O reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui, ou, Ei-lo ali; por que eis que o reino de Deus está entre vós.» (Luc. 17:20, 21). Só pode haver uma conclusão. O reino de Deus começa no coração.

Cristo é a fonte de toda a vida. «Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada.»—O Desejado de todas as Nações, pág. 395.

«Quem tem o Filho tem a vida.» (I João 5:12). Submetendo o nosso coração a Jesus como sua morada tornamo-nos cidadela para a divindade. Esta entronização de Cristo deve ser a nossa primeira ocupação se desejarmos ter vida em toda a sua plenitude neste mundo, e partilhar da sua natureza eterna através das eras sem fim que hão-de vir.

João falou de Jesus: «Nele estava a vida» (João 1:4) «Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo.» (João 5:26). O Filho de Deus acrescentou: «Vim para que tenham vida e a tenham com abundância.» (João 10:10).

Deus deu-nos um exemplo de lealdade que nunca poderá ser igualado. Está para além do alcance do homem compreender como Deus pôde dar o Seu Filho pela humanidade perdida, sim, mesmo para ser cruelmente imolado! Jesus deu a Sua promessa de redenção. As suas promessas são certas. Ele foi leal, mesmo até à morte. Com tal exemplo de inquebrantável lealdade e amor, nós também devíamos estar prontos a fazer qualquer sacrifício pelo nosso Salvador.

Os filhos e filhas de Deus podem ver claramente através dos olhos da profecia cumprida, que o fim está mesmo sobre nós, que a vinda de Jesus está

mesmo às portas. «Olhai, eis que cedo venho.» Em vista desta realidade, cada jovem devia ser sacudido até às profundezas da sua alma. O exército jovem do Senhor, que conta agora mais de meio milhão, devia estar na linha da frente da batalha nestas horas do fim da história do mundo!

«Não há limites ao bem que podeis realizar. Se fizerdes da Palavra de Deus a regra de vossa vida, regendo por seus preceitos as vossas acções, tornando todos os vossos designios e esforços no cumprimento do dever uma bênção e não uma maldição para os outros, o êxito virá croar esses esforços. Pusestes-vos em ligação com Deus; tornastes-vos para os outros um conduto de luz. Sois honrados em vos tornardes colaboradores de Cristo; não podereis receber mais alta honra que a feliz bênção dos lábios do Salvador: «Bem está bom e fiel servo, entra no gozo do teu Senhor.»—Mensagens aos Jovens, págs. 124 e 125.

Impressões duradouras diàriamente gravadas sobre outros

Todos os dias há impressões duradouras que são gravadas sobre os outros. Jovens, rapazes e meninas adventistas do Sétimo Dia, estais vós usando as vossas vidas para criar um desejo de santidade nas vidas daqueles que vos rodeiam? Ou estais vós inconscientemente exercendo uma influência que inspira avidez pelo ganho e amor pela honra egoísta e vasia? A nossa influência será aquela que deve ser quando os nossos corações estão limpos e são sustidos pelo poder divino, porque do coração «procedem os caminhos da vida».

«Nada é, na aparência, mais impotente e, no entanto, realmente mais invisível, que a alma que sente não ser nada e confia inteiramente nos méritos do Salvador. Deus enviaria todos os anjos do Céu em auxílio de uma alma tal, de preferência a permitir que fosse vencida.» —Ibid., pág. 94.

«Preferi a pobreza, o vitupério, a separação dos amigos ou qualquer sofrimento, a aviltar a alma com o pecado.

Antes a morte que a desonra ou a transgressão da lei de Deus, deve ser a divisa de todo o cristão.»—Ibid., pág. 80.

Para o nosso testemunho diário ser efectivo, necessitamos de ser carregados com a corrente divina do céu. Mas este poder nunca pode trabalhar em nós a menos que estejamos completamente isolados e separados do mal deste mundo. Aqueles com que entramos em contacto sentirão também a corrente divina.

«Deus vos chama, jovens! Ele pede exércitos inteiros de jovens de coração grande e espírito largo, e que possuam um profundo amor por Cristo e a verdade.»—Ibid., pág. 224.

«Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo!»—Ibid., pág. 196.

Um exército bem treinado e consagrado da juventude é a resposta de Deus para a falta de poder espiritual do homem nesta hora.

Missionários Voluntários Activos

A igreja hoje é movida pelo zelo evangelístico da sua juventude. Relatórios de todas as partes da terra indicam que mais de um quarto de milhão de missionários voluntários estão agora activamente empenhados em dar estudos bíblicos através da operação caseira; pregando em reuniões da Voz da Mocidade; unindo-se aos seus pastores em equipas de Amizade que atingem dezenas de milhares através de projectos organizados de visitas missionárias; dirigindo Escolas Sabatinas Anexas e ensinando a Bíblia a estudantes do Curso Televisionado Fé para Hoje e da Escola Bíblica Voz da Profecia. Mais de uma centena de milhar destes projectos operaram nos últimos três anos. Os resultados foram tremendos—mais de 60.000 baptizados. Fizeste tu, pessoalmente, uma parte? Participas tu na grandiosa alegria do companheirismo com Cristo através da evangelização?

A convicção nascida do céu do testemunho dos jovens através do evangelismo tem de ter um importante lugar na liderança da Juventude do Ad-

vento. A nossa maior necessidade pessoal é de uma revelação completa de Jesus no coração de cada jovem da igreja. Tal experiência só pode ser realizada por uma completa entrega do coração e pelo partilhar com outros o amoroso Salvador.

Tem-nos sido dito repetidas vezes: «Só podemos transmitir aquilo que recebemos de Cristo; e só o podemos receber à medida que o comunicamos aos outros. A proporção que continuamos a dar, continuamos a receber; e quanto mais damos, tanto mais havemos de receber. Assim estaremos de contínuo crendo, confiando, recebendo e transmitindo.»—O Desejado de Todas as Nações, pág. 275.

A igreja deve escolher sempre dirigentes para a sua juventude que sem cessar incitem este segredo de aquisição espiritual sobre os seus jovens.

Examinai-vos a vós mesmos

Soldados de Jesus examinai-vos a vós mesmos.

«Sentis, ao erguer-vos pela manhã, a vossa impotência e necessidade de forças vindas de Deus? e humilde, sinceramente, levais ao conhecimento de vosso Pai celeste as vossas necessidades? Se assim é, os anjos registam vossas orações, e se estas não partiram de lábios fingidos, quando vos achais em perigo de fazer inconscientemente um mal, de exercer uma influência que induzirá outros ao erro, vosso anjo da guarda vos estará ao lado, sugerindo-vos uma conduta melhor, escolhendo-vos as palavras e influenciando as vossas acções.»—Mensagens aos Jovens, pág. 90.

Em Daniel 12:3 lemos estas encorajadoras palavras: Os entendidos pois resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente».

Olhai esta noite para os céus. Contemplai os milhões de sóis celestiais. Tentai vislumbrar os milhões de sóis celestiais. Tentai vislumbrar os milhões de outras estrelas invisíveis a olho nu mas que sabeis estão lá porque o telescópio as revela. Que deslumbrante exposição de maravilha! Agora pensai em vós mesmos segundo esta promessa.

Em lealdade pessoal a Cristo, a Fonte de toda a vida e luz, vós também podeis brilhar com fulgor eterno através das eras sem fim do porvir. Não vos sentis subjugados por tal pensamento? Que recompensa!

Com o exemplo do sacrifício do céu perante nós — peçamos a Deus para sermos movidos por esse mesmo espírito. As estações missionárias têm de ser tripuladas, os hospitais precisam de ser ampliados e adequadamente providos com enfermeiras e médicos qualificados, escolas aos milhares têm de ser estabelecidas, igrejas precisam de ser erigidas em cada lugar para testemunharem para Deus. Têm de sair obreiros das fileiras da juventude e em adição o conjunto dos leigos de toda a igreja deve levantar-se num programa de testemunho pelo Mestre. Quando a igreja com inteira consagração se dedicar a tal programa de testemunho, o Espírito Santo será derramado com grande poder e a

obra do Evangelho será terminada.

O grande derramamento do Espírito de Deus, o qual ilumina a terra toda com a sua glória, não ha-de ter lugar enquanto não tivermos um povo esclarecido, que conheça por experiência o que seja ser cooperador de Deus. Quando tivermos uma consagração completa, de todo o coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse facto mediante um derramamento, sem medida, de Seu Espírito; mas isso não acontecerá enquanto a maior parte dos membros da igreja não forem cooperadores de Deus.» — Serviço Cristão, pág. 253.

Deus espera que testemunhemos incessantemente pelo Salvador com espírito de sacrifício semelhante a Jesus. Entregues a tal programa nós estaremos muito em breve perante o Nosso Criador e encontraremos plena aprovação. O próprio Deus conceder-nos-á a vida eterna como nossa recompensa.

Sábado, 12 de Novembro de 1966

LEALDADE À IGREJA

pelo Pastor R. Figuhr

A confiante declaração do Senhor de que a sua Igreja passará, triunfantemente, por todas as espécies de prova, oposição e perseguição, confirmou-se, perfeitamente, no decorrer de cerca de dois mil anos de provas. Falando ao seu pequeno grupo de sequazes, disse Jesus, clara e decididamente que nem as portas do Inferno, nem os poderes da morte e das trevas jamais prevaleceriam contra a sua Igreja. Vinte séculos têm provado a veracidade desta predição.

Esse pequeno grupo de discípulos que constituiu o núcleo primordial da sua Igreja, tornou-se, através dos séculos, numa multidão espalhada pela face da terra. Nenhum dirigente humano de qualquer movimento teria ousado fa-

zer uma tal declaração que devia ser submetida à prova do tempo voraz.

Mas fê-lo Jesus e o tempo deu-lhe razão.

Confiava Jesus em que a sua Igreja venceria todos os obstáculos e havia de sobreviver a todos os seus poderosos inimigos, avançando, sempre, de vitória em vitória.

Os poderes da morte e das trevas têm, frequentes vezes, posto fim aos mais ambiciosos sonhos dos homens que se lançam em grandes movimentos, cheios, contudo, de confiança e, aparentemente, dispondo de grandes forças.

Não acontece, porém, assim, com a Causa de Deus.

A voz da Sua Igreja nunca silenciou

nem a chama da sua fé jamais se extinguiu. Tem avançado para além dos túmulos dos seus orgulhosos inimigos e ultrapassado as ruínas dos impérios hostis. João anteviu o seu curso triunfante e gráficamente descreveu a Igreja avançando «vitoriosa para vencer».

Que se passa, então, com a Igreja de Cristo, composta, como é, de fracos e débeis seres humanos, frequentemente desprezados, perseguidos e até mortos, que a torna invencível?

Que é que o Senhor antevia nos seus seguidores, que o levou a falar tão confiantemente da sua firmeza e da sua fidelidade a Ele e à sua Causa?

O próprio Jesus nos dá a resposta: «As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem: e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão-de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão». (João 10:27, 28).

Aqui temos, pois, o segredo da invencibilidade dos seguidores de Jesus: ouvem e prestam atenção à voz do Senhor e seguem-n'O lealmente. Por sua vez, Ele protege-os e guarda-os em segurança, através do seu poder divino. Jesus bem sabia que laços mais fortes que a morte uniriam os seus amados seguidores a Ele próprio. Este laço de amor que os une ao seu Salvador, também os liga, em profunda afeição uns aos outros. Estes, recolhidos do mundo e dele separados, constituem a Igreja unida e invencível de Jesus.

Quando o Senhor Jesus predisse a marcha triunfante da sua Igreja, disse que Ele próprio a edificaria. Devia ela ter uma organização segundo o plano determinado pelo Salvador. Devia aperfeiçoar-se, de acordo com a sua supervisão e direcção. «Edificarei a minha Igreja» — disse Jesus.

Donde deriva a importância da Igreja

A Igreja é importante e preciosa para o Senhor. É importante, porque tem uma parte essencial no seu plano de redenção. Foi-lhe confiada a grande responsabilidade de pregar o Evangelho a todo o mundo. «Cristo também amou a Igreja e a Si mesmo se entregou por ela», lembra-nos o Apóstolo S. Paulo.

A Igreja é preciosa, porque é com-

posta de indivíduos, que voltaram as costas a tudo aquilo que o mundo lhe ofereceu e escolheram-n'O a Ele, e uns aos outros. A Igreja de Cristo constitui «a sua própria fortaleza, que se mantém num mundo revoltado e ferido pelo pecado. (*Testemunhos para Ministros* pág. 16).

Que espectáculo não apresentam aos anjos e aos homens esses leais servos de Deus! Por toda a parte o homem despreza e calca aos pés a Sua Lei. Rejeitam os seus oferecimentos de misericórdia e andam nos seus próprios e maus caminhos. Como nos dias de Noé, toda a imaginação do seu coração é continuamente má.

O mundo encontra-se em rebelião declarada contra Deus. À medida que a população vai aumentando, também a rebelião se vai espalhando. Com o aumento dos conhecimentos a humanidade também se vai arraigando, cada vez mais, no mal. O mundo do crime alastra, sempre cada vez mais, numa proporção assustadora e prossegue as suas pecaminosas actividades com crescente habilidade diabólica. A Serva do Senhor descreveu os nossos dias com as seguintes palavras: «Foi-me desvendado um terrível quadro sobre as condições do mundo. A licenciosidade é o pecado especial desta época. Nunca o vício ergueu a sua monstruosa cabeça com tanta ousadia, como agora». (*O Lar Adventista*, pág. 328).

No meio de toda esta deslealdade, rebelião e maldade, Deus estabeleceu uma fortaleza, mantida e defendida, denodadamente, pelos seus fiéis seguidores. Quão importante é, pois, que aqueles que se alistaram sob a bandeira do Príncipe Emanuel sejam verdadeiros e dignos de confiança. São eles os defensores da Causa do seu Senhor. Com eles não pode haver tráfico com o mal, nem nenhum acordo nem compromisso com o inimigo. A inspirada admoestação dos fiéis é: «Naquele tempo devemos tirar calor da frieza dos outros, assim como coragem da sua cobardia, e lealdade da sua traição». (*Testemunhos Selectos*, vol. 4, pág. 31).

A lealdade dos seguidores de Deus num mundo de rebelião é um mistério incompreensível para Satanás. O Re-

gelde não pode compreender como é que seres humanos, cujas fragilidades e propensões ele conhece muito bem, podem ficar inamovivelmente leais a Deus e à Sua Causa». (*Testemunhos para Ministros*, pág. 18).

O Senhor deposita grande confiança nos seus seguidores, que ouvem a sua voz e que O seguem. As páginas sagradas que relatam os feitos dessa nobre pleiada do «nobre exército» de homens e crianças, de senhoras e de servas, testificam que a confiança de Deus não foi mal colocada. Embora, um ou outro, aqui ou ali, abandone o seu Senhor, os fiéis encontram e vencem através do prometido auxílio do céu, todas as perseguições e todas as solicitações para o mal. Entre este nobre exército estava o jovem José que bem se destaca na sua geração, como uma luz que brilha nas trevas.

A experiência de José

O capítulo 38 de Génesis descreve a época de baixo nível moral, em que José viveu. No incidente em casa de Potifar salienta-se, vivamente, o contraste entre as elevadas normas de conduta de José e a frouxidão moral da sua época. Havia muito, decerto, na experiência anterior de José para o desanimar, para vencer as suas reservas e minar a sua fidelidade. Mas, prezados Irmãos, como brilha a sua fidelidade naquela época tão escura! Com lealdade manteve ele a fortaleza de Deus! Como era diferente, tanto nos pensamentos, como nas acções, da geração em que vivia! Deus tinha um objectivo ao seleccionar este jovem e enviá-lo para o Egipto.

Mais tarde, o próprio José reconheceu o propósito divino. Não só ele devia preservar a vida física, senão, — mais importante ainda — devia representar a Jeová, o verdadeiro Deus e o elevado nível de vida, a que a religião de Jeová chama. Para isso não servia nenhum dos seus irmãos. Certamente que Judá não era bom para isso, a ver pela maneira como cedeu à tentação. Ruben, inconsistente como água, em pouco tempo teria fracassado. Mas José era diferente.

Pode ser verdade, como dizem al-

guns, que José tivesse sido um pouco estragado com mimos, pelo pai; mas foi sempre leal a tudo quanto sabia que era recto, e também sempre leal ao seu Deus, o que ele considerava supremamente importante. O Senhor sabia que podia contar com José, onde quer que fosse, e em todos os tempos. É esta a razão por que Deus o escolheu entre os irmãos e o enviou para o Egipto, para uma região do mundo, onde reinavam as trevas. Ali se revelou o código, segundo o qual viviam os verdadeiros seguidores de Deus. Foi este código que o levou a declarar na hora da tentação: «Como pois faria eu este tamanho mal e pecaria contra Deus?» O relato bíblico diz-nos que «ele fugiu e saiu para fora». É que José não queria nada com o pecado.

Na nossa época de facilidades morais, Deus espera que os seus seguidores Lhe sejam leais. Se não viverem segundo as normas de José, o inimigo conseguirá o seu vil designio de perder vidas e lares; como tão frequentemente; acontece nos nossos dias. A nossa Igreja estabeleceu salvaguardas para proteger as relações do casamento, da família e do lar. Os Adventistas do Sétimo Dia, nesta era de frouxidão, devem destacar-se como fez José, no seu tempo, demonstrando perante o mundo a imperiosidade e o poder da verdade, que professam.

O fiel Job

O fiel Job é outro exemplo brilhante de lealdade. Satanás disse a Deus em tom de escárneo, que Job achava financeiramente servi-l'O e que esse o único motivo da sua fidelidade. Afirmou que se qualquer perda material caísse sobre Job, este imediatamente voltaria as costas ao seu Deus e até o amaldiçoaria. O Senhor, contando com a fidelidade do seu servo, colocou os bens e propriedades de Job no poder do tentador. Os desastres e calamidades ocasionados por Satanás deixaram Job reduzido à miséria e privado dos seus dez filhos. Contudo, quando este homem de fé abriu a boca e falou da sua tristeza e das suas perdas, não foi para se queixar, não foi para injuriar, nem

para amaldiçoar a Deus. Falou, sim, mas para declarar a sua firme lealdade ao seu Deus. Através dos séculos têm ecoado as suas palavras: «O Senhor o deu, O Senhor o tirou, bendito seja o seu santo nome».

Mais tarde, quando Deus ainda permitiu que Satanás ferisse a Job com a doença, mais uma vez falou e, embora sofresse intensamente, foi para confessar a sua imorredoura fidelidade ao seu Deus: «Ainda que Ele me mate, todavia n'Ele confiarei».

Ao observarmos a firmeza deste e de outros grandes homens de Deus, podemos começar a compreender, como Deus pôde declarar que a sua Igreja permaneceria em segurança, como a sua fortaleza se manifestaria num mundo tão agitado e revolto. O cristão, leal ao seu Deus e sustentado pela graça divina, vence o mundo. Graças a Deus por tais exemplos de firmeza e de fidelidade.

Com a ordenação dos doze o Senhor deu o primeiro passo na organização da sua Igreja da era cristã. A Igreja já existia antes, mas, de certo modo, de uma maneira diferente. Passos sucessivos foram dados, sob a direcção do Espírito Santo para uma maior perfeição na organização espiritual, conforme conhecemos a Igreja Cristã.

Quando chegou o tempo de lançar o grande Segundo Movimento do Advento, o Senhor guiou o aperfeiçoamento da Organização, cuja tarefa é proclamar, rapidamente, a sua Mensagem a todo o mundo e finalizar a sua Obra na terra. Havendo-lhe confiado a responsabilidade de guiar e dirigir a sua causa na terra, Deus tem sempre operado através da sua Igreja. Fica-se impressionado com a lealdade e espírito de cooperação da parte dos apóstolos, levando sempre avante e em íntimo contacto com a Igreja. O Senhor dirigiu pessoas que buscavam a verdade tal como Cornélio para a sua Igreja, para guia e instrução ao Evangelho.

O valor da organização

Muitos dos nossos pioneiros, pessoas um tanto duras, não viam razão para se formar uma organização de Igreja. Alguns falavam mesmo abertamente contra isto. Mas através da sua Serva, o Senhor enviou a palavra de que o seu corpo de crentes devia ser organizado e mover-se conjuntamente. Só assim organizados poderiam eficientemente e com êxito efectuar o seu trabalho. É assim deste modo, que hoje temos a Igreja Adventista do 7.º Dia, como uma organização mundial, realizando, por toda a parte uma obra sempre em pleno desenvolvimento, sob as bênçãos de Deus.

Há uns sessenta anos atrás, quando os nossos membros em todo o mundo eram uns escassos setenta mil, a Irmã White fez a seguinte pergunta: «Qual é o segredo da nossa prosperidade?» Estava-se a pouco menos de quarenta anos depois de nos havermos organizado quando contávamos 3.500 membros apenas. E a Irmã White respondeu à sua pergunta que formulara, revelando-nos o segredo: «É que Deus abençoou os nossos esforços todos bem unidos». (—Ibid., p. 27.)

Bem depressa o nosso povo aprendeu o valor da lealdade, agrupando-se em torno da causa comum e, sempre, unido, amparando-a e defendendo-a. Vieram a reconhecer a Igreja como sendo a organização de Deus na terra e a obrigação de lealmente cooperar com ela. Isto tornou possível uma obra mundial com milhão e meio de membros baptizados, presentemente, e mais de dois milhões de membros da Escola Sabatina. E, cada ano, os números aumentam. Também o nosso orçamento anual vai crescendo igualmente, permitindo assim, um crescente desenvolvimento da Causa em todas as terras. Aqui temos, decerto, um bom testemunho salientando o valor da lealdade demonstrada pelos nossos membros de Igreja, assim como pelos obreiros e dirigentes! A experiência ensinou-

-nos que «os que receberam a unção do céu, em todos os seus esforços, hão-de afervorar a ordem, a disciplina e a unidade de acção, e, então, os anjos de Deus poderão cooperar com eles,» (Ibid., pág. 28).

O que o inimigo não pode realizar contra a Igreja através de assaltos patentes, procura ele fazer, com subtileza e astúcia. Busca quebrar a confiança na Igreja, nos seus ensinamentos, nos seus membros e nos seus dirigentes. «O espírito de tagarelice e de maledicência é um dos instrumentos especiais de Satanás, para semear a discórdia e a luta. Os nomes dos escolhidos servos de Deus têm sido empregados com desrespeito e, nalguns casos, com absoluto desdém, por certas pessoas, cujo dever é apoiá-los». (Testemunhos Selectos, vol. 1, pág. 490).

Quão importante é, pois, que mesmo em casa, manifestemos um espírito de lealdade para com a Causa de Deus. As crianças que crescem numa atmosfera de lealdade continuarão a nobre tradição. Tal era a inestimável lembrança legada a Timóteo por sua mãe e sua avó. Paulo escreve a Timóteo: «Trazendo à memória a fé não fingida que há em ti, a que habitou primeiro em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti.» (II Tim. 1:5).

Não há registo de estas nobres mulheres terem legado a Timóteo riquezas terrestres. A prova é que o seu espírito de sincera devoção a Deus e à sua Causa foi transmitido a Timóteo. Que bela herança! A lealdade à causa de Deus é compensadora, mesmo nesta vida. Porque ela é tão importante, é que o inimigo está determinado a fazer tudo o que puder para a minar e destruir nos corações dos seguidores de Cristo.

O inimigo nos seus esforços para enfraquecer a Causa de Deus, empenha-se em induzir os homens a crer que Deus lhes ordena a agirem por si mesmos, e a escolherem o seu próprio caminho, independen-

temente dos seus irmãos.» (Testemunhos para Ministros, pág. 29).

Um outro meio de atacar a Igreja consiste em promover uma crescente indiferença para com os seus ensinamentos e para com os seus princípios e impeli-la para o mundo, embora lentamente. Frequentemente Satanás tem êxito com este processo. Quando sobrevem um tempo de crise deste género tais membros indiferentes, juntando-se a outros que se encontram desanimados, não se mantêm firmes para com Deus e para com a sua verdade.

Assim nos diz a Serva do Senhor: «O Senhor aborrece a indiferença e a deslealdade no tempo da crise na Sua Obra. O Universo inteiro está aguardando com indizível interesse o desfecho das cenas finais no grande conflito entre o bem e o mal. O povo de Deus aproxima-se das fronteiras do mundo eterno; que é que poderá ser de maior importância para este povo do que permanecer leal ao Deus dos céus? (Profetas e Reis, pág. 148).

Hoje, a cada um de nós, também se põe a seguinte pergunta: Estou eu completamente, ao lado do Senhor? Sou eu leal à sua Igreja, aos seus ensinamentos, aos seus princípios? Sou eu um daqueles que não se hão-de desviar da linha recta do dever?

Como denominação temos de defrontar muitos perigos. O maior deles é o espírito de indiferença e de concordância com o que se passa à nossa volta.

Ao aumentarmos em número e ao aumentarem as instituições, também em número e tamanho, surge a tendência para nos afastarmos, segundo a inclinação das instituições cristãs, que nos precederam e que se afastaram dos propósitos dos seus fundadores cristãos. Ora isto não nos deve acontecer. Não só devemos ser pessoalmente mais leais aos princípios da nossa fé e às instituições da nossa obra, como também assim temos de perseverar.

Falando particularmente de um

tipo de instituição, a Mensageira do Senhor disse: «Nós recebemos nas nossas instituições pessoas de todas as denominações. Mas, no que nos diz respeito, somos estritamente denominacionais: somos sagradamente dominados por Deus e estamos sob a sua teocracia.» (Testimonies vol. 9 pág. 109).

Isto dirige-se a nós individualmente e à nossa obra, como um todo. Não devemos olhar para nós próprios, como constituindo, apenas mais uma igreja acrescentada à já longa lista de igrejas. Somos um povo consagrado ao elevado propósito de Deus o de proclamar, pela voz e pela vida, a Grande Mensagem para este tempo enquanto esperamos aquela cidade, cujo arquitecto e construtor é Deus. A experiência dos crentes do Novo Testamento deve ser a nossa.

«Os Apóstolos e os primitivos crentes muito esperavam e, portanto muito compreendiam. Cristo tinha-se-lhes revelado e n'Ele tinham os olhos à espera da direcção. A sua compreensão da verdade e a sua resistência em face da opposição eram proporcionais à conformidade que tinham com a vontade de Deus. Jesus Cristo, poder e sabedoria de Deus, era o tema de todos os seus discursos. O seu nome — o único

nome debaixo do céu dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos — era por eles exaltado. Ao proclamarem a plenitude de Cristo, o Salvador ressuscitado, as suas palavras tocavam os corações, e homens e mulheres eram ganhos para o Evangelho. Multidões que haviam injuriado o nome do Salvador e desprezado o seu poder, confessavam-se — agora, discípulos do Crucificado, (Actos dos Apóstolos, pág. 594, 595).

Neste último dia da SEMANA DE ORAÇÃO que melhor podemos fazer do que abertamente confessar a nossa determinação de sermos leais a Deus, à Sua Igreja, aos seus princípios e normas e sermos um com todos os nossos irmãos crentes, espalhados por toda a parte?

Quando o Senhor vier em glória, será para reunir a Si um povo unido, um povo que não fez acordo com o mundo, que não se desviou para a indiferença, que de modo algum se uniu à grande rebelião contra Deus.

Permaneçamos, firmemente ao Seu lado, esperando, ansiosamente, o dia da libertação.

Não desejamos nós, aqui e agora, tomar a determinação de sermos achados neste fiel grupo.



Instituto Adventista do Bongo

(EDUCAR PARA A ETERNIDADE)

ENSINO PRIMÁRIO

A Escola que educa
para a um Serviço Abne-
gado e prepara para a
Vida!

CURSO DOMÉSTICO

CURSO DE EVANGELISTAS

90% DE APROVAÇÕES NOS EXAMES OFICIAIS DE 1966

Caixa Postal 2

BONGO

Longonjo



Colégio Adventista de Huambo

(ALLIS PRODESSE DISCIMUS)

ENSINO PRIMÁRIO

A Escola onde os
sonhos se tornam rea-
lidade!

ADMISSÃO AOS LICEUS

ENSINO LICEAL (1.º Ciclo)

Caixa Postal 3

NOVA LISBOA

Telef. 2545